

Maigret

Simenon

A Taverna do Porto



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Georges Simenon

A TABERNA DO PORTO

1931

Título original francês

Au Rendez-Vous des Terres-Neuves

Tradução

Alice Terra



Sinopse

Ao voltar de uma dramática expedição de pesca, o capitão de um barco pesqueiro de Fécamp é assassinado. O que aconteceu a bordo durante esses três meses, na promiscuidade exasperante de um navio em alto mar? Será necessário procurar a mulher que se esconde atrás do crime, como tantas vezes acontece? Enquanto Madame Maigret, aborrecida, faz seu tricô entre os seixos da praia de Fécamp, o comissário enfrenta o mundo pouco social e impenetrável dos marinheiros. E, apesar da lei do silêncio que parece dominar o lugar, ele tenta compreender. Pouco a pouco vai surgindo a verdade, trágica, absurda, carregada de paixões e de sensualidade. Realmente, era melhor que Madame Maigret ficasse à margem deste caso.

Sumário

[Rosto](#)

[Sinopse](#)

[Sumário](#)

[1 - A taberna do porto](#)

[2 - Os sapatos amarelos](#)

[3 - O retrato sem cabeça](#)

[4 - Sob o signo da ira](#)

[5 - Adéle e seu acompanhante](#)

[6 - Três inocentes](#)

[7 - Em família](#)

[8 - O marinheiro bêbado](#)

[9 - Dois homens na coberta](#)

[10 - O que aconteceu no terceiro dia?](#)

[11 - O Océan zarpa](#)

1 A taberna do porto

“... Porque é o melhor garoto da aldeia, e a mãe, que só tem a ele, morreria de tristeza. Tenho certeza, como todos aqui, que é inocente. Porém os marinheiros com quem falei acreditam que vão condená-lo, porque os tribunais civis nunca entenderam nada das coisas do mar.

Faz tudo o que puderes; imagina que se trata de ti mesmo. Soube, pela imprensa, que te transformaste numa eminente personalidade da Polícia Judiciária e...”.

Era uma manhã de junho. No térreo do Boulevard Richard-Lenoir, onde todas as janelas estavam abertas, Madame Maigret acabava de levar algumas grandes malas de vime, e Maigret, sem colarinho postiço, lia a meia voz.

— De quem é?

— De Jorissen. Fomos colegas de escola, e agora é professor em Quimper. Tens muita vontade de que passemos nossos oito dias de férias na Alsácia?

Ao ouvir esta pergunta tão inesperada, ela o olhou, perplexa. Havia vinte anos que passavam as férias em casa de parentes, na mesma aldeia, no leste francês.

— E se, desta vez, fôssemos ao mar?

Releu, a meia voz, alguns fragmentos da carta:

“... tu estás mais bem situado que eu para conseguir informações mais detalhadas. Em resumo, Pierre Le Clinche, um jovem de vinte anos, que foi meu aluno, embarcou, há três meses, a bordo do Océan, um barco de Fécamp que pesca bacalhau na Terranova. O pescador regressou ao porto antes de ontem. Horas depois, descobriram o cadáver do capitão na doca e todos os indícios levam a pensar em assassinato. Prenderam Pierre Le Clinche...”

— Descansaremos tão bem em Fécamp como em outro lugar — murmurou Maigret, sem entusiasmo.

Houve alguma resistência. Na Alsácia, Madame Maigret estaria rodeada pela família, e ajudava a fazer marmeladas e licor de ameixa. A ideia de alojar-se num hotel, à beira-mar, acompanhada de outros parisienses, a assustava.

— Que farei durante todo o dia? Por fim, decidiu levar seus trabalhos de costura e tricô.

— Acima de tudo, não me peças para tomar banho de mar. Aviso desde agora.

Chegaram ao Hotel de la Plage às cinco e, imediatamente, Madame Maigret dedicou-se a reordenar o quarto, a seu gosto. Depois jantaram.

E agora, Maigret, a sós, empurrava a porta de vidro esmerilhado de uma taberna de porto chamada “Rendez-Vous des Terres-Neuves”

Justamente, em frente à taverna, estava o pescador Océan, amarrado no cais, próximo a uma fila de vagões. À luz intensa das lâmpadas de acetileno que pendiam dos cordames, alguns homens descarregavam o bacalhau passando-o de mão em mão e o amontoavam nos vagões depois de pesá-lo.

Eram dez os estivadores, homens e mulheres, sujos, esfarrapados, cobertos de sal. Diante da balança, um jovem muito asseado, com chapéu de palha ladeado sobre a orelha e uma caderneta na mão, anotava os pesos.

Um cheiro rançoso e desagradável, que não diminuía ao afastar-se, infiltrava-se na taverna, onde se fazia mais penetrante, devido ao calor.

Maigret sentou-se na extremidade livre de um banco. Na taverna, reinava alvoroço e agitação. Havia homens de pé, e outros sentados, com os copos sobre o mármore da mesa. Todos eram marinheiros.

— Que vai tomar? — perguntou a garçonete.

— Uma cerveja.

O dono aproximou-se para cumprimentá-lo.

— Já sabe que há outra sala ao lado para os turistas? “Esses” fazem tanto barulho — disse, e lhe piscou um olho. — Bom, depois de passar três meses no mar, compreende-se.

— É a tripulação do Océan?

— A maioria, sim. Os ouros barcos ainda não voltaram. Não dá para fazer-lhes muito caso, alguns tipos estão bêbados há três dias. Vai ficar aqui? Aposto que é pintor. De vez em quando aparece algum para tomar notas. Olhe! Um deles me fez um retrato. Veja, está ali em cima do balcão.

Mas o comissário colaborava tão pouco com a conversa que o dono, desconcertado, afastou-se.

— Uma moeda de dez centavos de cobre! Quem tem uma moeda de dez centavos de cobre? — gritava um marinheiro, não mais alto nem maior do que um menino de dezesseis anos.

Seu rosto, avantajado, era de feições irregulares. Alguns dentes estavam faltando. A bebedeira lhe fazia brilhar os olhos e uma barba de três dias lhe cobria as bochechas. Deram-lhe uma moeda. Dobrou-a, pressionando com os dedos, meteu-a na boca e partiu-a com os dentes.

— Vamos ver quem é capaz de imitar-me.

Pavoneava-se. Sentia-se o centro da atenção geral e faria qualquer coisa para continuar sendo. Ao ver que um mecânico bochechudo agarrava uma moeda, disse-lhe:

— Espera! Também tens que fazer isto — pegou um copo vazio, triturou-o com os dentes e mastigou o vidro, imitando a satisfação de um sibarita. — Ha! Ha! Quero ver quem faz! Sirva-nos uma rodada, Leon!

Dirigia ao redor uns olhares cômicos que se detiveram em Maigret. Então, franziu o cenho. Por um instante, ficou perturbado. Depois, deu um passo, tão bêbado que teve que apoiar-se em uma mesa.

— Veio aqui por minha causa? — perguntou, fanfarrão.

— Não te iludas, P'tit Louis!

— Outra vez a história da carteira? Escutem, amigos! Há um momento não queriam acreditar quando eu contava as minhas aventuras na Rue de Lappe. Pois bem, aqui tem um policial importante que se incomoda, de propósito, por este desgraçado. Posso toma-me outro copo?

Agora, todos olhavam para Maigret.

— Senta-te, P'tit Louis! Não sejas imbecil.

E o outro rolava de rir: — A sério, me convida para um copo? Não! Não é possível! Me permitem, rapazes? O senhor comissário me convida a beber! Uma aguardente, Leon!

— Estavas a bordo do Océan?

Produziu-se uma mudança. P'tit Louis fechou-se. Parecia que sua bebedeira tinha desaparecido. Desconfiado, retrocedeu um pouco.

— Sim. Por quê?

— Por nada. À tua saúde! Faz muito tempo que estás bêbado?

— Faz três dias que estamos celebrando! Desde que desembarcamos. Dei todo meu dinheiro a Leon: mais de 900 francos. Ainda me sobra alguma coisa. Quanto me sobra, Leon, velho patife?

— Certo que não o suficiente para pagar as rodadas até amanhã. Uns 50 francos. Imagine que desgraça, senhor comissário! Amanhã quando perceber que não tem um centavo, será obrigado a embarcar como foguista em qualquer barco. Sempre igual. E quero que conste que eu não o incentivo a

consumir. Pelo contrário!

— Cala-te!

Os outros haviam perdido a animação. Falavam em voz baixa e se voltavam, sem parar, para a mesa do comissário.

— Diz-me, P'tit Louis, são todos do Océan?

— Todos, menos o gordo do boné, que é piloto, e o ruivo, que trabalha de carpinteiro no estaleiro.

— Conta-me o que aconteceu.

— Não tenho nada para contar.

— Cuidado, P'tit Louis. — replicou Maigret. — Lembra-te da história da carteira, quando comias vidro na Bastilha.

— Isso só significa três meses, e precisamente, necessito descansar um pouco. Se estiver bem para você, podemos ir embora em seguida.

— Trabalhavas nas máquinas?

— Claro que sim, como sempre. Era segundo foguista.

— Vias com frequência o capitão?

— Pode ser que, no total, o tenha visto duas vezes.

— E ao telegrafista?

— Não sei...

— Leon, enche os copos.

P'tit Louis soltou um risinho depreciativo.

— Nem caído de bêbado lhe diria o que não quero dizer. Mas, já que está aqui, você poderia pagar uma rodada aos amigos. Depois do desastre que tivemos na expedição.

Um marinheiro que não teria vinte anos aproximou-se, astucioso, e puxou P'tit Louis pela manga. Os dois começaram a falar em bretão.

— Que disse?

— Que é hora de ir dormir.

— É amigo teu?

P'tit Louis encolheu os ombros, e ao ver que o outro queria tirar-lhe o copo, bebeu tudo de um trago, a modo de desafio. O bretão tinha sobrelhas espessas e o cabelo comprido e ondulado.

— Senta-te conosco. — disse Maigret.

O marinheiro não respondeu e foi sentar-se à outra mesa, sem deixar de olhar para os dois homens. A atmosfera era pesada e desagradável. Na sala ao lado, mais iluminada e mais limpa, ouviam-se alguns turistas jogando dominó.

— Muito bacalhau? — perguntou Maigret, obstinado e implacável como uma broca.

— Bah! Uma porcaria! Chegou meio podre.

— Por quê?

— Pouco sal. Ou muito! Uma porcaria. Semana que vem nem a terça pare dos homens tornará a embarcar.

— O Océan zarpa, de novo?

— Sim, claro! Para que serviriam os motores? Os veleiros só fazem uma expedição, de fevereiro a setembro. Mas os pesqueiros com motor tem tempo de ir duas vezes à pesca.

— Tu voltarás?

P'tit Louis cuspiu no chão e encolheu os ombros, desanimado.

— Tenho tanta vontade de embarcar quanto de ir para a cadeia de Fresnes. Uma porcaria!

— Que sabes do capitão?

— Não tenho nada para dizer!

Pegou uma bagana de cigarro e a acendeu. Teve náuseas, correu para a rua e vomitou, de pé, na beira da calçada; o bretão saiu atrás dele.

— É um desgraçado! — lamentou o dono do café. — Antes de ontem, levava quase mil francos no bolso. E hoje falta pouco para dever-me dinheiro. Pede ostras e lagostas. E convida todo mundo a beber, como se não soubesse o que fazer com o dinheiro.

— Você conhecia o telegrafista do Océan?

— Dormia aqui. Costumava comer nesta mesa e depois ia escrever na outra sala, para estar mais tranquilo.

— Escreve a quem?

— Não só cartas. Eu diria que eram versos ou novelas. Um rapaz instruído, bem educado. Agora que sei que você é da polícia, posso dizer que cometeram um erro com...

— Apesar de tudo, o capitão foi assassinado.

O dono encolheu os ombros e sentou-se diante de Maigret. P'tit Louis voltou, dirigiu-se ao balcão e pediu outro copo. Seu companheiro, falando em bretão, tentava acalmá-lo.

— Não faça caso — continuou Leon — uma vez em terra s comportam assim, bebem, guincham, brigam, quebram vidro. A bordo, trabalham como escravos! Inclusive, P'tit Louis! Ontem, o chefe de máquinas me contou que P'titi Louis faz a tarefa de dois homens. Durante a travessia em alto mar, aconteceu um escapamento de vapor. Era um conserto perigoso e ninguém queria fazer, mas P'tit Louis tomou a frente. Contanto que não o deixe beber... — Baixou a voz e olhou sua clientela com desconfiança. — É possível que, desta vez, tenham mais motivos para uma grande bebedeira. A você não diriam nada, porque não é marinheiro. Eu, que fui piloto, ouvi falar de certas coisas.

— Que coisas?

Tentarei explicar. Suponho que você sabe que em Fécamp não há marinheiros suficientes para todos os pesqueiros e trazem alguns da Bretanha. Esses rapazes tem suas próprias ideias e são supersticiosos. — Baixou ainda mais a voz, mal se ouvia. — Parece que desta vez, alguém lançou uma maldição. E começou na hora de zarpar, ainda no porto. Um marinheiro estava empoleirado no mastro para despedir-se da mulher. Segurava-se num cabo que rompeu. Ele caiu sobre a coberta, com uma perna quebrada. Precisaram levá-lo para terra num bote. Havia também um grumete que chorava e gritava que não queria ir. Pois bem! Três dias depois, telegrafaram do barco dizendo que uma onda o tinha arrastado. Era um menino de quinze anos, pequeno e magro, com um nome quase feminino: Jean-Marie. E quanto ao resto... Julie, sirva-nos um copo de Calvados. A garrafa da direita. Não! Essa não! A com a tampa de vidro.

— A maldição continuou durante a travessia?

— Não sei nada de concreto. É como se todos tivessem medo de falar. Mas a polícia prendeu o telegrafista, porque ouviu falar que, durante toda a viagem, ele e o capitão não se falavam. Pareciam cão e gato!

— E o que mais?

— Murmuram coisas, mas isso nada significa. Por exemplo, o capitão obrigou-os a estender as redes numa zona onde jamais se pescou um bacalhau. E ficou muito zangado porque o chefe de pesca negou-se a obedecer. Chegou a pegar o revólver. Todos estavam como enlouquecidos. Em um mês, não recolheram nem uma tonelada de pescado! Depois, de repente, entrou uma boa quantidade de peixe. Entretanto, tiveram que vender o bacalhau pela metade do preço, porque estava mal preparado. E mais ainda! Ao entrar no porto, uma das lanchas foi a pique por causa de duas manobras mal feitas. Como se lhes tivesses lançado uma maldição! O capitão mandou todo mundo para terra, sem deixar ninguém de

guarda. Ficou sozinho a bordo, já à noite. Às nove, a tripulação estava aqui, embebedando-se. O telegrafista subiu ao quarto e depois saiu. Viram quando se dirigiu ao barco.

— Então ocorreu drama. Um pescador que saía do porto para ir para casa ouviu alguma coisa caindo ao mar. Largou a correr e se juntou a um guarda da alfândega que encontrou pelo caminho; acenderam lanternas e encontraram um corpo no cais, preso pela corda da âncora do Océan. Era o capitão, e estava morto. Aplicaram respiração artificial, mas foi inútil. Ninguém entendeu, porque não havia passado nem dez minutos na água. O médico explicou o por que: ao que parece, tinha sido estrangulado antes de cair na água, compreende? Encontraram o telegrafista em seu camarote. Pode vê-lo daqui, é o camarote que está atrás da chaminé. Chegaram os policiais para revistas o quarto e encontraram papéis queimados. Você entende alguma coisa?

— Dois Calvados, Julie! À sua saúde!

P'tit Louis, cada vez mais excitado, colocou uma cadeira entre os dentes e, entre os marinheiros, levantava-a horizontalmente, desafiando Maigret com o olhar.

— O capitão era daqui? — perguntou o comissário.

— Sim. Um tipo curioso, um pouco mais alto e fornido do que P'tit Louis. E sempre educado e amável, muito elegante. Creio que nunca veio à taberna. Não era casado. De modo que se alojava na Rue d'Etretat, na casa de uma viúva; o marido tinha sido funcionário da aduana. Dizia-se, inclusive, que isso acabaria em casamento. O capitão Fallut, assim se chamava, fazia quinze anos que ia a Terranova, sempre para a mesma companhia. A Morue Française. Vai ser difícil, agora, para o Océan voltar a pescar. Está sem capitão e metade da tripulação não quer embarcar.

— Por quê?

— Oh, não tente compreender. A maldição, como lhe disse. Terão que desmontar o barco e deixá-lo no cais até o ano que vem. Além disso, a polícia pediu à tripulação que se mantenha a disposição.

— Prenderam o telegrafista?

— Sim. Levaram-no ontem à noite, com algemas e tudo isso. Eu estava na porta... Serei sincero: minha mulher ficou com os olhos cheios de lágrimas. E não é que fosse um cliente extraordinário, não. Eu lhe fazia um bom preço. E ele quase não bebia.

Um barulho repentino os interrompeu. P'tit Louis havia se atirado sobre o bretão, certamente porque este tentava fazê-lo parar de beber. Os dois rolavam pelo chão. Os outros apartaram.

Maigret os separou, levantando-os, literalmente, do chão e segurou cada um com uma mão.

— Quê? Queremos briga?

O incidente durou pouco. O bretão, que tinha as mãos livres, tirou uma navalha do bolso, mas o comissário o viu justo a tempo de atirá-la a dois metros de distância com um chute. O sapato bateu no queixo do bretão, que começou a sangrar. P'tit Louis, cambaleante e bêbado, abaixou-se sobre o companheiro e começou a chorar pedindo perdão.

Leon aproximou-se de Maigret com o relógio na mão.

— Já é hora de fechar. Senão, vem os policiais. Todas as noites se repete a mesma história: é impossível tirá-los daqui.

— Dormem a bordo do Océan?

— Sim. A menos que, como aconteceu ontem com dois deles, não fiquem atirados na calçada. Encontrei-os esta manhã ao abrir a porta.

A garçonete recolhia os copos das mesas. Os homens saíam em grupos de três ou quatro. Só P'tit Louis e o bretão não se mexiam.

— Quer um quarto? — perguntou Leon a Maigret.

— Obrigado, mas estou instalado no Hotel de la Plage.

— Ouça...

— Diga-me.

— Não é que eu queira dar-lhe um conselho, porque isto não me concerne. Mas gostaria de dizer que eu sentia carinho pelo telegrafista. Pode que não seja um mau sistema aquele de “cherchez la femme”, busque a mulher, como dizem nos livros. Eu ouvi falar de coisas desse tipo.

— Pierre Le Clinche tinha uma amante?

— Ele? Oh, não! Tinha namorada em sua aldeia e todo dia escrevia uma carta de seis páginas.

— Então, quem?

— Não sei de nada. É possível que seja mais complicado do que parece. E, além disso...

— Além disso?

— Nada! Seja razoável, P'tit Louis! Vá dormir!

P'tit Louis estava muito bêbado. Lamentando-se, abraçava seu companheiro, cujo queixo continuava sangrando e ele pedia perdão.

Maigret saiu com as mãos nos bolsos e o pescoço encolhido porque fazia frio. Ao chegar ao hotel, viu no vestíbulo uma jovem sentada numa poltrona de vime. Um homem levantou-se de outra poltrona e sorriu para o comissário com certo constrangimento. Era Jorissen, o professor de Quimper. Como fazia quinze anos que não via Maigret, não sabia se devia tratá-lo por “tu”.

— Desculpe-me! Desculpe-me! Eu... Senhorita Léonnec e eu acabamos de chegar. Eu o procurei em todos os hotéis e me aqui me disseram que tu voltarias em seguida. É a namorada de... Pierre Le Clinche. Fez questão de vir.

Era uma jovem alta, um pouco pálida e algo tímida. Entretanto, quando Maigret apertou-lhe a mão, compreendeu que sob a aparência de provinciana, coquete e circunspecta, ocultava-se uma vontade poderosa.

Não falava. Estava impressionada, tanto quanto Jorissen que se tornara um simples professor, enquanto seu colega havia se convertido num dos chefes mais importantes da Polícia Judiciária.

— Mostraram-me Madame Maigret no salão. Mas não me atrevi a...

Maigret contemplava a jovem, que não era nem feia nem bonita, mas de uma simplicidade bastante comovedora.

— Você sabe que ele é inocente, não é? — acabou por articular, sem olhar para ninguém.

O porteiro do hotel esperava que acabassem de falar para ir deitar-se. Já desabotoara o casaco.

— Falaremos disso amanhã. Tem um quarto?

— Sim, deram-me um quarto contíguo ao seu... ao teu... — Tartamudeou, confuso, o professor de Quimper. — A senhorita Léonnec está um andar acima. Eu tenho que ir embora pela manhã, por causa dos exames. Acreditas que tu...?

— Amanhã. Falaremos disso amanhã. — repetiu Maigret.

Enquanto se deitava, sua mulher murmurou semiadormecida:

— Não te esqueças de apagar a luz.

2 Os sapatos amarelos

Caminharam sem olhar-se ao longo da praia, que estava deserta a estas horas, e depois pelos molhes. Pouco a pouco, os silêncios se fizeram mais raros. Marie Léonnec falava quase com

naturalidade.

— Imediatamente, simpatizará com ele. Não pode ser de outra maneira. E então, você entenderá que...

Maigret lhe dirigia olhares ao mesmo tempo curiosos e admirados. Jorissen tinha voltado a Quimper ao nascer do dia, deixando a jovem sozinha em Fécamp.

— Não insistirei para que ela me acompanhe. A senhorita Léonnec tem muito temperamento. — disse ele.

Na véspera, ela havia se comportado como uma moça bem educada em uma tranquila cidade pequena. Pela manhã, há menos de uma hora, ela e Maigret haviam deixado o hotel. Maigret mostrava-se muito arisco, mas ela não se deixava impressionar; parecia não acreditar na atitude do comissário e lhe sorria com confiança.

— Seu único defeito — seguia dizendo — é sua suscetibilidade. Mas, como poderia ser de outra maneira? Seu pai era só um pescador e sua mãe remendou redes durante muito tempo para poder pagar-lhe os estudos. Agora, ele a mantém. É muito culto e lhe espera um futuro brilhante.

— Seus pais, ao contrário, são ricos? — perguntou bruscamente Maigret.

— São donos da loja mais importante de cordas e cabos. Por isso, a princípio, Pierre não queria nem falar com meu pai. Víamos-nos às escondidas por um ano inteiro.

— Eram muito jovens?

— Ele tinha 18 anos, recém completados. Eu falei, por fim, com meus pais. E Pierre jurou que não se casaria comigo até que ganhasse, pelo menos, dois mil francos por mês. Já vê que...

— Ele lhe escreveu alguma carta depois que foi preso?

— Uma só, e muito curta. Ele, que me mandava todos os dias, páginas e páginas. Disse que, para meu bem e de meus pais, era melhor que eu anunciasse na aldeia que não há nada entre nós.

Passavam perto do Océan; seguiam descarregando bacalhau e o barco, devido à maré alta, dominava o cais com seu casco negro. No castelo do navio, três homens com o torso desnudo se lavavam e, entre eles, Maigret identificou a P'tit Louis.

Surpreendeu um gesto: um dos marinheiros tocou o ombro de outro, mostrando Maigret e a jovem. O comissário franziu o cenho.

— Ele o faz por delicadeza, entende? — prosseguia a voz, ao seu lado. — Está consciente da dimensão que pode adquirir um escândalo em uma pequena localidade como Quimper. Quis me devolver a liberdade. — A manhã era límpida. A jovem com sua roupa de casaco cinza, parecia uma estudante ou professora. — Se meus pais me deram permissão para vir aqui, é porque eles também confiam nele. Entretanto, meu pai preferia que me casasse com um comerciante.

Maigret a fez esperar um longo tempo na antessala da delegacia de polícia. Ali, o comissário anotou alguns dados do caso. Meia hora depois, os dois entraram na cela. Maigret mal humorado, com as mãos atrás das costas, o cachimbo fortemente apertado entre os dentes e inclinado para trás, apoiava-se num canto da cela. Havia avisado às autoridades que não se ocupava oficialmente da investigação e de que só a seguia por curiosidade.

Várias pessoas já lhe haviam descrito o telegrafista, e a imagem que havia feito correspondia exatamente ao rapaz que tinha diante dos olhos. Era um jovem alto e magro, com uma roupa correta, ainda que amarrotado, e o olhar sério e tímido, típico do aluno primeiro da classe. Tinha algumas manchas debaixo dos olhos e o cabelo cortado à escovinha.

Sobressaltou-se quando abriram a porta. E quando a jovem se aproximou, ele não se moveu. Ela teve que arrojar-se em seus braços e ficar à força neles, enquanto ele lançava ao redor olhares perdidos.

— Marie...? Quem te...? Como...?

Estava extremamente perturbado. Mas não era um homem dos que se alteram com facilidade. As lentes dos óculos estavam manchadas e lhe tremiam os lábios.

— Não tinhas porque vir aqui.

Espiava Maigret, a quem não conhecia, e depois olhava para a porta que tinha ficado entreaberta.

Não usava colarinho, nem cordões nos sapatos, mas sim uma barba avermelhada de vários dias.

Apesar dos fatos, tudo isso o incomodava. Tocava com mal estar o pescoço desnudo, o pomo-de-adão saliente.

— Por acaso, minha mãe...?

— Não, não veio, mas ela também não acredita que sejas culpado.

A jovem não conseguiu expressar sua emoção. Era como uma cena frustrada, talvez por causa da crueza da atmosfera. Olhavam-se sem saber o que dizer, procurando as palavras. Marie Léonnec mostrou Maigret.

— É um amigo de Jorissen. É comissário da Polícia Judiciária e aceitou ajudar-nos.

Le Clinche titubeou em estender-lhe a mão e, no fim, não chegou a fazê-lo.

— Obrigado. Eu...

A entrevista era um fracasso absoluto, e a jovem, que se dava conta disso, tinha vontade de chorar. Tinha suposto que um encontro patético convenceria Maigret. Olhava para o namorado com despeito e com uma pitada de impaciência.

— Tens que contar-lhe tudo que possa ser útil para tua defesa.

Pierre Le Clinche, estranho e inibido, suspirou.

— Só quero fazer-lhe algumas perguntas — interveio o comissário — toda a tripulação disse que durante a viagem, suas relações com o capitão foram mais do que frias. Entretanto, quando zarparam, não havia problemas entre os dois. A que se deu esta mudança?

O telegrafista abriu a boca, calou-se e contemplou desolado o chão.

— Questões de serviço? Ainda nos dois primeiros dias você comeu com o segundo oficial e com o chefe das máquinas, depois preferiu comer com a tripulação.

— Sim, eu sei.

— Por quê?

E Marie Léonnec, ansiosa, interrompeu:

— Fala de uma vez, Pierre. Tenta salvar-te. Tens que dizer a verdade!

— Eu não sei.

Parecia tão debilitado e passivo, como desesperançado.

— Discutiu com o capitão Fallut?

— Não.

— Mas viveu com ele três meses no mesmo barco sem dirigir-lhe a palavra. Todo mundo se deu conta. Alguns, inclusive, insinuam que, em determinados momentos, Fallut parecia ter ficado louco.

— Não sei.

Marie Léonnec, nervosa, conteve os soluços.

— Quando o Océan chegou ao porto, você desceu à terra com os outros. Ao chegar ao quarto, queimou alguns papéis.

— Sim. Não tinham importância.

— Você tem o costume de anotar num diário tudo o que vê. Foi o diário da viagem que queimou?

Le Clinche continuava de pé, cabisbaixo, como um escolar que não sabe a lição e que olha para o chão com expressão teimosa.

— Sim.

— Por quê?

— Já não sei.

— Também não sabe por que voltou a bordo logo em seguida? Viram quando se escondeu atrás de um vagão, a uns 50 metros do barco.

A jovem, cada vez mais desconcertada, olhou o comissário, depois o namorado e de novo ao comissário.

— Sim.

— O capitão cruzou a passarela e alcançou o cais. Nesse momento o atacaram.

Seguia calado.

— Responda-me, diabo!

— Sim, responda, Pierre! É para teu bem. Não entendo, não... — As lágrimas se acumulavam nas pálpebras.

— Sim.

— Sim, o quê?

— Eu estava ali.

— E viu alguém?

— Não pude vê-lo bem. Havia muitos barris e vagões. Dois homens brigavam e depois um deles fugiu enquanto um corpo caía na água.

— Como era o que se foi?

— Não sei.

— Estava vestido como marinheiro?

— Não.

— Então sabe como estava vestido.

— Quando passou perto de um poste, vi somente uns sapatos amarelos.

— Que fez depois?

— Subi a bordo.

— Por quê? E por que não foi socorrer o capitão? Sabia que estava morto?

Seguiu-se um silêncio tenso. Marie Léonnet, angustiada, juntava as mãos.

— Fala de uma vez, Pierre! Fala, por favor!

Ouviram-se passos no corredor. O guarda avisou que o juiz de instrução esperava Le Clinche.

A namorada quis beijá-lo. Depois de vacilar, ele a abraçou lentamente, com ar ensimesmado. E não a beijou na boca, mas apenas na gaze rosadas das têmporas.

— Pierre!

— Não devias ter vindo! — replicou ele franzindo o cenho enquanto a seguia vigilante, com os passos cansados.

Maigret e Marie Léonnet alcançaram a saída sem falar. Uma vez fora, ela suspirou, com tristeza:

— Na verdade, não entendo — mas, erguendo a cabeça, completou: — De todo modo, estou certa de que é inocente. Não o compreendemos porque jamais estivemos numa situação parecida. Está preso há três dias, todo mundo o acusa! É muito tímido!

Ainda que estivesse bastante desanimada, o entusiasmo que colocava nas palavras enternecia Maigret.

— Apesar de tudo, fará algo, não é? — perguntou ela.

— Com a condição de que você regresse a sua casa em Quimper.

— Não! Isso não! Escute, permita-me que...

— Então, vá à praia. Insta-se ao lado de minha mulher e procure manter-se ocupada. Tenho certeza de que ela terá algum trabalho de bordado para você.

— Que pensa fazer? Crê que essa pista dos sapatos amarelos...

As pessoas se voltavam para olhá-los, porque Marie estava tão agitada que parecia que brigavam.

— Repito-lhe que farei tudo o que puder — disse Maigret. — Olhe! Siga essa rua e chegará ao hotel de la Plage. Diga a minha mulher que talvez me atrase e vá comer bastante tarde.

Deu meia volta e dirigiu-se para o cais. Seu ar ranzinza havia desaparecido. Quase sorria. Ficara com medo de ter que assistir a uma cena demasiado dramática na cadeia: lamentos veementes, lágrimas, beijos, mas havia sido bem diferente, de um modo ao mesmo tempo mais simples, agudo e significativo.

Gostara do jovem precisamente por sua atitude distante e concentrada.

Ao passar na frente de uma loja, encontrou-se com P'tit Louis, que levava um par de botas de borracha na mão.

— Aonde vais?

— Vendê-las. Você não quer comprá-las? São o melhor que se fabrica no Canadá e o desafio a encontrar outras iguais na França. São duzentos francos.

P'tit Louis parecia preocupado, e só esperava que o comissário o deixasse para prosseguir o seu caminho.

— Chegaste a pensar que o capitão Fallut estava louco?

— Já sabe que nas caldeiras não se vê grande coisa.

— Mas se fala. Que me dizes?

— Está claro que ocorreram coisas estranhas.

— Quais?

— Tudo! E nada! É difícil explicar, ainda mais em quando se está em terra.

Continuava segurando as botas na mão e o vendedor de artigos marítimos o esperava na porta.

— Não precisa mais de mim?

— Quando começaram exatamente essas coisas estranhas?

— Em seguida! Um barco ou está sadio ou está enfermo. E o Océan estava doente.

— Manobras erradas?

— E tudo o mais que você quiser. Não sei como explicar. Há coisas absurdas, mas que, de todo modo ocorrem. A prova está em que nós, os tripulantes, tínhamos a impressão de que não regressaríamos. Enfim, é verdade que não vai me incomodar mais pelo assunto da carteira?

— Isso veremos.

O porto estava quase vazio. No verão, os barcos trabalham na Terranova, com exceção dos que procuram peixe fresco, ao longo da costa. Só a silhueta escura do Océan, se recortava na doca, saturando a atmosfera com um forte cheiro de bacalhau.

Próximo aos vagões, havia um homem com polainas de couro e um boné, com galões de seda.

— É o armador? — perguntou Maigret a um aduaneiro que passava.

— Sim, o gerente de La Morue Française.

O comissário apresentou-se. O outro, sem deixar de vigiar a descarga, olhou-o com desconfiança.

— O que você acha do assassinato de seu capitão?

— O que eu acho? Que aqui tenho 800 toneladas de bacalhau estragado. E que, se isso continua assim, este barco não zarpará para uma segunda expedição. E que não será exatamente a polícia que resolverá os problemas e que pagará pelas perdas.

— Você confiava totalmente em Fallut, não é?

— Sim. Por quê?

— Acredita que o telegrafista...

— Com telegrafista ou não, é um ano perdido. Sem falar nas redes que me trazem: redes que custaram dois milhões, entende? Chegaram rasgadas, parece que se entretiveram pescando rochas. Para cúmulo, a tripulação fala de maldições. Eh, vocês aí em baixo, que fazem? Diabos! Não falei que era preciso acabar de carrega, o quanto antes, este vagão?

E começou a correr ao longo do barco insultando todo mundo.

Maigret contemplou alguns instantes mais a descarga. Depois, afastou-se em direção ao espigão, passando entre grupos de pescadores, todos com casaco de marinheiro, de lona rosa. Alguém atrás dele exclamou:

— Pssst! Pssst! Eh! Senhor comissário.

Leon, o dono do Rendez-Vous de Terres-Neuves, tentava alcançá-lo, correndo tão depressa quanto lhe permitiam as curtas pernas.

— Venha tomar algo.

Tinha um aspecto misterioso, cheio de promessas. Pelo caminho, explicou:

— Tudo começa a acalmar-se. Os que ainda não voltaram para casa, na Bretanha ou nas aldeias, gastaram praticamente todo o dinheiro que tinham. Esta manhã só vieram uns poucos pescadores de cavala.

Cruzaram o cais e entraram no café; este estava vazio, à exceção da garçonete que limpava as mesas.

— Espere. Que quer tomar? Um aperitivo? Dentro de pouco o lugar se encherá. Mas tenha em conta que, como lhe dizia ontem, eu não os animo a beber. Pelo contrário! Sobretudo, porque quando bebem, destroem mais do que podem pagar. Julie, vai ver se estou na cozinha — e piscou um olho cúmplice ao comissário — À sua saúde! Vi você de longe, e como tinha que dizer-lhe algo... — Foi assegurar-se de que a jovem não escutava atrás da porta. Logo, cada vez mais enigmático e excitado, tirou do bolso um cartão no formato de uma fotografia. — Aqui a tem. Que acha?

Era uma foto, um retrato de mulher. Mas a cabeça estava totalmente manchada de tinta vermelha. Alguém, em um ataque de raiva tinha querido destruir essa cabeça. A caneta havia arranhado o papel. Havia linhas em todos os sentidos, até o ponto que não sobrara nenhum milímetro quadrado visível.

Em troca, debaixo do rosto, o busto seguia intacto: um peito bastante opulento em um traje de seda clara, muito apertado e decotado.

— Onde o encontrou?

Novas piscadas.

— A você posso dizer-lhe. Como o armário de Le Clinche fecha mal, ele costumava esconder as cartas da namorada debaixo da toalha da mesa.

— E você as lia?

— Bom, um dia as vi, por acaso. Mas não eram interessantes. Quando revistaram o quarto, não lhes ocorreu olhar embaixo da toalha. À noite, lembrei-me deste detalhe, e olhe o que encontrei. Claro que já não se vê a cabeça, mas é evidente que esta mulher não é a namorada: ela não tem esse corpaço. Eu também vi o seu retrato, assim que deve ser outra mulher...

Maigret olhava atentamente para o retrato. A linha dos ombros era apetitosa. A mulher devia ser maior do que Maria Léonnec. E o busto tinha um brilho extremamente sensual. E também um pouco vulgar! O vestido parecia comprado numa grande loja. Faceirice barata.

— Tem tinta vermelha na casa?

— Não. Só tinta verde.

— Le Clinche utilizava tinta vermelha?

— Nunca! Tinha sua própria tinta, especial para a caneta tinteiro, cor azul escuro.

— Maigret levantou-se e foi para a porta.

— Permite-me?

Momentos depois, subia a bordo do Océan; revistou o camarote do telegrafista e depois o do capitão, que estava sujo e desordenado. No pesqueiro não havia tinta vermelha. Os marinheiros nunca haviam visto tinta desta cor.

Quando abandonou o barco, Maigret recebeu o desagradável olhar do armador que continuava discutindo com sua gente.

— Tem tinta vermelha em suas oficinas?

— Tinta vermelha? Para quê? Isto não é uma escola. — Mas logo pareceu lembrar alguma coisa

— O único que tinha tinta vermelha era Fallut, quando estava em sua casa, na Rue Etretat. Com certeza, como segue esta história? Eh! Cuidado com este vagão. Só nos falta um acidente. Bom. O que é que você dizia sobre a tinta vermelha?

— Nada, muito obrigado.

P'tit Louis voltava sem as botas, mas um pouco bebido, com um boné de golfe na cabeça e uns sapatos velhos nos pés.

3 O retrato sem cabeça

“... E não poderão falar mal de mim, porque tenho uma poupança equivalente ao soldo de um capitão.”

Maigret abandonou Madame Bernard no umbral de sua casinha na Rue d’Etretat. A mulher, de uns 50 anos e muito bem conservada, havia falado meia hora sobre seu primeiro marido, de sua viuvez, do capitão que havia se convertido em seu hóspede, dos rumores que haviam corridos sobre suas relações e, finalmente, de uma desconhecida, sem dúvida, uma “mulher da vida”.

O comissário havia inspecionado toda a casa, muito limpa e cuidada, ainda que entupida de coisas de mau gosto. O quarto do capitão Fallut continuava tal qual ela havia arrumado na previsão do regresso do capitão. Escassos objetos pessoais: roupas numa mala, alguns livros, sobretudo romances de aventura e fotografias de barcos.

Tudo dava a sensação de uma vida aprazível e medíocre.

“Era um acordo tácito, mas nós dois sabíamos que acabaríamos por casar-nos. Eu contribuía com a casinha, os móveis, a roupa da casa. Para ele, tudo continuaria igual e teríamos vivido tranquilos, ainda mais dentro de três ou quatro anos, quando ele se aposentaria.”

Das janelas, via-se o armazém de comestíveis, em frente, a rua elevada e a calçada, onde alguns meninos brincavam.

“No inverno passado conheceu esta mulher e tudo mudou. Na sua idade, como podia enlouquecer por uma criatura? E as misteriosas desculpas que inventava! Deviam encontrar-se em Le Havre ou em outro lugar, porque jamais os viram juntos. Eu já suspeitava que havia gato ensacado: comprava roupa interior mais delicada! E, uma vez, inclusive, meias de seda! Como não havia nada entre nós, pensei que este assunto não me dizia respeito, e tampouco, não queria dar a impressão de que estava defendendo meus interesses.”

A conversa com Madame Bernard trazia à luz grande parte da vida do capitão morto: um homenzinho de idade madura que regressava ao porto depois de uma viagem de pesca e que, durante o inverno, vivia ali como um bom burguês, ao lado de Madame Bernard, que esperava que ele se casasse com ela.

Comia com ela na sala de jantar, debaixo do retrato do primeiro marido, de bigodes vermelhos. E depois, ia-se para seu quarto ler romances de aventura.

E um bom dia, essa paz se alterou. Apareceu outra mulher. O capitão Fallut ia com frequência a Le Havre, cuidava da aparência, barbeava-se mais frequentemente, comprava, inclusive, meias de seda e se escondia de sua caseira. Entretanto, não havia se casado, nem comprometido. Estava solteiro e, apesar disso, não se deixou ver, nem uma só vez em Fécamp, acompanhado pela desconhecida.

Tratava-se de uma grande paixão, da grande aventura de sua vida, que se apresentava à última hora? Ou de alguma relação vergonhosa?

Maigret chegou à praia e viu sua mulher sentada numa espreguiçadeira de listras vermelhas, e junto dela, costurando, estava Marie Léonnec. Banhistas sobre as pedras, que o sol tornava brancas. Um mar cansado. E do outro lado do espigão, no cais, o Océan, montanhas de bacalhau que continuavam sendo desembarcadas e marinheiros mal humorados lançando frases cheias de reticências.

Beijou Madame Maigret no rosto. Inclinou a cabeça diante da jovem e respondeu a seu olhar interrogativo:

— Nada especial!

Sua mulher falou com ar preocupado:

— A senhorita Léonnec contou-me toda a história. Acreditas que esse rapaz foi capaz de cometer esse assassinato?

Dirigiram-se lentamente ao hotel. Maigret carregava as espreguiçadeiras. Iam para a mesa quando chegou um agente uniformizado que procurava o comissário.

— Mandaram que lhe entregasse isso. Chegou faz uma hora.

E entregou um envelope amarelo, aberto e sem sobrescrito nenhum. Dentro, em uma folha de papel, haviam escrito com letra pequena, apertada e bonita:

“Que não se acuse a ninguém de minha morte e nem tampouco que se ente compreender as razões de minha decisão.

Esta é minha última vontade. Deixo tudo quanto possuo à viúva Bernard, que sempre foi boa comigo, com a obrigação de enviar meu cronômetro de ouro à minha sobrinha, a quem ela já conhece, e de encarregar-se de que me enterrem no cemitério de Fécamp, ao lado de minha mãe.”

Maigret abriu desmesuradamente os olhos.

— E assina Octave Fallut — exclamou, à meia voz — Como esta carta chegou à delegacia?

— Não se sabe. Encontraram-na na caixa de correio. Ao que parece, foi capitão que a escreveu. O comissário avisou imediatamente ao tribunal.

— No entanto, foi estrangulado, E é impossível estrangular-se a si mesmo. — ponderou Maigret.

Próximo a eles, os ocupantes da mesa comum faziam muito ruído. Maigret viu uns rabanetes cor de rosa em uma mesa de aperitivos.

Espera um instante até que copie esta carta. Porque você terá que levá-la, não?

— Não me deram instruções precisas, mas acho que...

— Sim. Terão que incluí-la no processo.

Pouco depois, Maigret, com a cópia da carta na mão, olhava com impaciência a sala de jantar, aonde perderia uma hora esperando que lhe servissem a comida. Durante esse tempo, Marie Léonnec não parou de observá-lo, porém sem atrever-se a interromper sua carrancuda reflexão. Só Madame Maigret suspirou ao ver uns magros escalopes.

— Parece-me que haveríamos de estar melhor na Alsácia.

Maigret levantou-se antes da sobremesa e limpou a boca, ansioso para voltar ao pesqueiro, ao porto e aos marinheiros. Enquanto se dirigia para lá, murmurava entre dentes:

“Fallut sabia que ia morrer, mas, sabia que o matariam? Quis, de antemão, salvar seu assassino, ou simplesmente, havia decidido suicidar-se? Por outro lado, quem colocou o envelope amarelo na caixa de correio da delegacia? Não levava selo nem direção.

A notícia devia ter se espalhado porque quando Maigret chegou ao pesqueiro, o diretor de La Morue Française o interpelou com agressiva ironia:

— Veja só, parece que Fallut estrangulou a si mesmo. A que será que ocorreu esta história?

— Se importaria de dizer-me quais oficiais do Océan ainda estão a bordo?

— Nenhum. O segundo oficial foi de folga à Paris. O chefe das máquinas está em casa, em Yport, e não voltará até que tenha terminado a descarga.

Maigret revistou mais uma vez o camarote do capitão. Um camarote pequeno. Uma cama coberta com uma colcha suja. Um armário na divisória. Uma cafeteira, de esmalte azul, na mesa coberta com oleado. Botas com sola de madeira num canto.

No camarote, escuro e gorduroso, reinava o mesmo cheiro acre que em todo o barco. Umhas camisetas listradas de azul secavam na cobertura. Maigret, ao cruzar a passarela, engraxada devidos aos restos de pescado, esteve a ponto de escorregar.

— Encontrou alguma coisa?

O comissário encolheu os ombros, olhou mais uma vez o Océan com expressão lúgubre e perguntou ao aduaneiro a maneira de chegar à Yport.

Yport é uma aldeia, ao pé da escarpa, situada a seis quilômetros de Fécamp. Nela, há algumas casas de pescadores e algumas granjas no interior; também há casas com jardim, a maioria das quais se alugam mobiliadas na temporada de verão, e apenas um hotel. Na praia, voltou a ver trajes de banho, crianças e mães ocupadas em tecer ou bordar.

— A casa do senhor Laberge, por favor?

— O chefe de máquinas ou o granjeiro?

— O chefe de máquinas.

Mostraram-lhe uma casinha rodeada de um pequeno jardim. Enquanto se aproximava da porta pintada de verde, chegaram até ele as vozes apagadas de uma discussão. Eram dois: uma de homem e a outra de mulher. Mas não se podia entender o que diziam e chamou.

Fez-se um silêncio e passos se aproximaram. A porta se abriu e apareceu um homem alto e magro, desconfiado e de mau humor.

— O que quer?

Uma mulher, parecia a dona da casa, arrumou rapidamente o cabelo despenteado.

— Pertenço à Polícia Judiciária e gostaria de fazer algumas perguntas.

— Entre.

Uma criança chorava, e o pai a arrastou violentamente ao quarto contíguo, aonde se via o pé da cama.

— Deixa-nos sós — disse Laberge à mulher.

Ela também tinha os olhos avermelhados. A discussão devia ter começado durante o almoço, porque nos pratos ainda havia comida.

— O que quer saber?

— Quanto tempo faz que não vai à Fécamp?

— Esta manhã fui de bicicleta, porque não é divertido ouvir berrar a mulher todo dia. Passas meses no mar, trabalhando até rebentar, e quando voltas... — Sua indignação não havia se acalmado. O hálito cheirava fortemente a álcool. — Nunca mudam! Ciúmes e essas coisas. Imaginam que temos outra ideia na cabeça a não ser a de ver outras fulanas. Ouve? Para acalmar os nervos, está dando uma sova no pequeno.

Com efeito, no quarto ao lado, ouvia-se gritar uma criança e a voz da mulher subia de tom:

— Queres calar-te. Cala-te ou não? — Estas palavras deviam ser acompanhadas de bofetadas ou empurrões, porque o choro só aumentava.

— Que vida!

— O capitão Fallut comentou que se preocupava com algo especial?

O homem olhou Maigret de relance e trocou uma cadeira de lugar.

— O que o faz pensar assim?

— Faz muito que navega com ele, não?

— Cinco anos.

— E a bordo, costumavam comer juntos.

— Sim, exceto nessa ocasião. Decidiu comer a sós, em seu camarote. Mas não tenho nenhuma vontade de falar nessa desastrosa viagem.

— Onde você estava quando se cometeu o crime? Suponho que lhe tenham contado.

— Acredita que o telegrafista tinha algum motivo para atacar o capitão?

Bruscamente, Laberge se irritou.

— Aonde que parar com essas perguntas? Que quer que lhe diga? Ninguém me encarregou de passar por policial, entende? Estou farto de toda essa história e de tudo o mais. Tão farto que não sei se embarcarei na próxima expedição.

— Evidentemente, a última não foi brilhante.

Novo olhar pungente a Maigret.

— O que está insinuando?

— Que tudo foi mal: um grumete morreu, houve mais acidentes do que de costume, não pescaram muito e o bacalhau chegou estragado à Fécamp.

— Acaso tenho eu a culpa?

— Não lhe disse isso. Só pergunto, se nos acontecimentos que você presenciou, há algo que possa explicar a morte do capitão. Era um homem tranquilo, de vida ordeira...

O chefe de máquinas soltou uma risadinha, mas não disse nada.

— Sabe se o capitão tinha alguma aventura amorosa?

— Digo-lhe que não sei de nada! Que estou de tudo isso até o nariz! Pretendem me deixar louco? E tu, que queres agora? — gritou zangado à mulher, que acabara de entrar no quarto e se dirigia à panela, que cheirava a queimado.

Podia ter 35 anos e não era feia nem bonita.

— Um momento — disse ela humildemente. — É a comida do cão.

— Apressa-te. Ainda não terminaste? — Logo se dirigiu a Maigret: — Quer que lhe dê um bom conselho? Deixe tudo como está. Fallut está bem onde está. Quanto menos se fale do assunto, melhor. Mas que conste que eu não sei de nada, e ainda que me faça perguntas o dia todo, não poderei lhe dizer uma palavra mais. Veio de trem? Se não pega o que sai dentro de dez minutos, não haverá outro antes das oito da noite.

Havia aberto a porta. O sol penetrava no quarto.

— De quem sua mulher está com ciúme? — perguntou tranquilamente o comissário, uma vez no umbral.

O ouro apertou os dentes, sem dizer nada.

— Conhece esta pessoa?

Maigret lhe mostrou a fotografia riscada com tinta vermelha. Mas tapou a cabeça com o polegar. Só se via o corpete de seda.

O outro deu uma olhada e quis pegar a foto.

— Reconhece?

— Como quer que a reconheça?

E continuava com a mão aberta enquanto Maigret guardava o retrato no bolso.

— Irá amanhã à Fécamp?

— Não sei. Precisa de mim para alguma coisa?

— Não. Só perguntei por acaso. Agradeço pela informação que teve a amabilidade de me dar.

— Eu não lhe dei nenhuma informação!

Maigret não havia avançado nem dez passos quando a porta se fechou com um pontapé e estalaram vozes no interior da casa, onde a discussão se reacendeu, com violência.

O chefe de máquinas havia dito a verdade: não saía nenhum trem para Fécamp antes das oito, e Maigret, sem nada que fazer, foi para a praia e se instalou no terraço do hotel. Ali se respirava a atmosfera banal das férias: guarda-sóis vermelhos, vestidos brancos, calças de algodão e um grupo de curiosos ao redor de um barco de pesca que, com a ajuda de um cabrestante, arrastavam sobre as pedras.

À direita e à esquerda, claras falésias. Na frente, o mar, verde pálido festonado de branco, e na margem, o murmúrio regular das ondas.

— Uma cerveja.

O sol esquentava. Uma família comia sorvetes na mesa ao lado. Um jovem fazia fotografias com uma Kodak e, de algum lugar, chegavam as vozes agudas de algumas moças.

Maigret deixou vagar o olhar sobre a paisagem e seu pensamento flutuou, seu cérebro se perdeu em um sonho que girava em torno de um capitão Fallut cada vez mais inconsciente.

— Muito obrigado.

Estas duas palavras por entranharem-se em sua cabeça, não por causa de seu sentido, mas porque haviam sido pronunciadas secamente, com uma amarga ironia, por uma mulher que se achava atrás do comissário.

— Entretanto te digo, Adéle...

— Cala-te!

— Vais começar de novo?

— Farei o que me der vontade!

Decididamente, era o dia das brigas. Pela manhã, Maigret havia tropeçado com um homem irritado: o diretor da La Morue Française. Em Yport, havia assistido uma cena conjugal na casa dos Laberge. E agora, no terraço, uma dupla desconhecida trocava frases bastante desagradáveis.

— Mais te valeria pensar um pouco.

— Cala-te!

— Acreditas que és muito inteligente por responder assim?

— Cala-te de uma vez. Me entendeste? Garçom, esta limonada não está gelada. Traga-me outra.

O acento era vulgar e a mulher falava mais alto do que o necessário.

— Entretanto, terás que decidir-te — continuou o homem.

-Vai tu sozinho! Já te disse, deixa-me tranquila.

— Sabes que o que estás fazendo é repugnante?

— E tu?

— Eu? Como te atreves a... Olha, se não estivéssemos aqui, seria difícil conter-me!

Ela riu! Com excessiva força!

— Cala-te, por favor — pediu ela.

— Escuta-me, querida!

— E porque tenho que escutar-te?

— Por que sim!

— Uma resposta muito inteligente!

— Vais calar-te de uma vez?

— Se me der vontade...

— Adéle, advirto-te que...

— Que o quê? Que vais fazer um escândalo diante de todo mundo? Já estás fazendo. Todos estão escutando.

— Mais te valeria pensar e tratar de entender.

A mulher, como se já não pudesse suportá-lo, levantou-se de um salto. Maigret, que estava de costas para ela, viu crescer sua sombra sobre as lajes da entrada. E depois, viu-a caminhando até a beira do mar.

A contraluz, era só uma silhueta recortando-se num céu cada vez mais púrpura. Maigret percebeu que ia bastante bem vestida e que não levava traje adequado para a praia, mas sim, meias de seda e

sapatos de salto alto. Por isso, ela avançou com dificuldade pela praia de seixos. A cada instante, parecia a ponto de torcer o tornozelo. Mas parecia empenhada em continuar, raivosa e obstinada.

— Quanto lhe devo, garçom?

— Ainda não trouxe a limonada da senhora.

— Mesmo assim, quanto é?

— Nove francos com cinquenta. Jantarão aqui?

— Não sei.

Maigret voltou-se para observar o homem; percebia que não estava à vontade, porque não ignorava que os vizinhos tinham ouvido a discussão. Era alto, de elegância indiscutível. Tinha o olhar cansado e seu rosto delatava um nervosismo extremo. Levantou-se, duvidou um instante sobre a direção que ia tomar e, tratando de mostrar-se fleumático, caminhou até a jovem, que agora seguia a margem sinuosa do mar.

— Estou certa de que se trata de uma aventura — disse uma das três mulheres que faziam tricô em uma mesa próxima.

— Podiam lavar a roupa suja em outra parte! Não são um bom exemplo para as crianças.

As duas figuras se juntaram à beira do mar. Já não se ouvia o que diziam, mas os gestos permitiam adivinhar a cena. O homem suplicava e ameaçava. A mulher se mostrava intratável. Em determinado momento, ele a agarrou pelo pulso e pareceu que aquilo acabaria em briga.

Mas não foi assim. Ele lhe deu as costas e se encaminhou, em grandes passadas, para uma rua próxima. Entrou em um carro cinza, pequeno, e o pôs em marcha.

— Outra cerveja, garçom!

Maigret acabara de se dar conta de que a jovem havia esquecido a bolsa sobre a mesa. A bolsa, imitação de pele de crocodilo, estava cheia a transbordar, e era completamente nova.

Uma sombra avançava pelo chão. Maigret levantou a cabeça e viu de frente a dona da bolsa, que voltava ao terraço. A impressão lhe causou certo impacto. As aletas do nariz do comissário vibraram. Evidentemente, podia equivocarse. Mais do que uma certeza, tratava-se de uma sensação. Mas teria jurado que tinha diante de si a modelo da fotografia sem cabeça.

De qualquer maneira, tirou-a discretamente do bolso.

— Garçom, minha limonada!

— Eu achei... O senhor disse...

— Eu lhe pedi uma limonada!

Tinha o mesmo perfil, um pouco cheio, do pescoço e o peito, abundante e firme, de uma elasticidade voluptuosa. A mesma maneira de vestir-se, a mesma predileção pelas sedas muito suaves e de cores vistosas.

Maigret colocou o retrato de modo que a mulher não tivesse como não vê-lo. Viu-o, com efeito. Olhou para o comissário com o olhar de quem procura recordar. Não obstante, se ficou perturbada, a perturbação não a fez perder, em momento algum o domínio de si mesma.

Passaram cinco, dez minutos. Um ruído de motor soou ao longe e foi aumentando. Era o carro cinza que regressava ao terraço; parou e arrancou de novo, como se o condutor não pudesse ir embora.

— Gaston!

Ela havia se levantado e gesticulava a seu acompanhante. Desta vez, recolheu a bolsa e, num instante, entrou no carro. Com ar reprovador, as mulheres da mesa ao lado seguiram seus movimentos. O jovem da Kodak voltou-se para olhá-la. O carro cinza desapareceu com um zumbido do motor.

— Garçom, onde posso alugar um carro?

— Não acredito que encontre algum em Yport. Há um que, às vezes, leva gente à Fécamp ou a

Etretat, mas vi-o sair pela manhã com uns ingleses.

Os grossos dedos do comissário golpeavam a mesa num ritmo rápido.

— Traga-me um mapa das estradas. E ponha-me, por telefone, em contato com a polícia de Fécamp. Já havia visto antes esta gente?

— A dupla que discutia? Esta semana vieram quase todos os dias e ontem almoçaram aqui. Creio que são de Le Havre.

Só algumas famílias ainda estavam na praia, onde fazia a doçura de uma tarde de verão. Um barquinho negro balançava na linha do horizonte, penetrou no sol e saiu pelo outro lado, como se tivesse atravessado um círculo de papel.

4 Sob o signo da ira

— Confesso — disse o comissário de polícia de Fécamp, sem deixar de apontar um lápis azul — que tenho poucas ilusões. É tão raro que consigamos esclarecer estas histórias de marinheiros! Que digo? Tentem descobrir os meandros de uma briga vulgar como as que estouram a cada dia no porto. No momento em que meus homens chegam estão se matando; mas quando enxergam os uniformes, os marinheiros se põem de acordo para atacar-nos. Interrogue-os: todos mentem e se contradizem. Enrolam as coisas a tal ponto que acabamos por renunciar a resolvê-las.

Os quatro fumavam em uma repartição cheia de fumaça de tabaco. Era de noite. Ao comissário da Brigada Móvel de Le Havre, encarregado oficialmente de dirigir a investigação, o acompanhava um jovem inspetor.

Maigret, por sua parte, assistia a título privado. Em um canto, sentado na borda da mesa, ainda não havia dito nada.

— Entretanto, este caso me parece simples — arriscou o jovem inspetor, buscando a aprovação do chefe. — O roubo não foi o móvel do crime. Trata-se, portanto, de uma vingança. Com quem o capitão Fallut se mostrou mais duro na viagem?

O comissário de Le Havre encolheu os ombros e o inspetor sorriu.

— Entretanto...

— Não, meu amigo, não! Há algo mais. Em primeiro lugar, a mulher que você descobriu, Maigret. Certamente, já enviou as características aos policiais para que a procurem? O certo é que não consigo compreender o papel dessa mulher. O barco ficou ausente durante três meses e ela nem sequer estava no momento do desembarque, já que ninguém a identificou. O telegrafista tinha namorada. Pelo que dizem, o capitão Fallut não parecia um tipo que se dedica a cometer loucuras, e, além disso, escreveu seu testamento pouco antes de ser assassinado.

— Também seria interessante saber quem fez chegar até aqui este testamento — suspirou Maigret. — Um jornalista, o que usa capa marrom claro, afirma no jornal L'Éclair de Rouen que o Océan havia recebido de seus armadores uma missão que não tinha nada a ver com a pesca do bacalhau.

— Isso se diz sempre — resmungou o comissário de Fécamp.

A conversa era descontraída. Durante o longo silêncio que se seguiu ouvia-se crepitar o cachimbo de Maigret; de repente, este se levantou com algum esforço.

— Se alguém me perguntar pela característica peculiar deste caso — disse — eu responderia que está sob o signo da ira. Tudo relativo a este pesqueiro era antipático, crispado, violento. No Rendez-Vous des Terres-Neuves, a tripulação se embebedava e brigava. O telegrafista, quando levei-lhe a namorada, não pode dominar seu nervosismo e a acolhe com bastante frieza. Por pouco, não lhe disse que não se meta

onde não é chamada! Em Yport, o chefe das máquinas não para de insultar a mulher e me recebe como se eu fosse um imbecil. Finalmente, encontro com outras duas pessoas que me parecem marcadas pelo mesmo signo: a chamada Adéle e seu acompanhante, que discutem na praia e que só se reconciliam para desaparecer.

— E o que deduz você de tudo isso? — perguntou o comissário de Le Havre.

— Eu? Eu não deduzo! Simplesmente observo que tenho a sensação de mover-me em meio a um bando de loucos furiosos. Bem! Boa noite, senhores. Eu, aqui, sou um amador! E minha mulher me espera no hotel. Comissário, me fará o favor de avisar se encontrarem a mulher de Yport e o homem do carro cinza?

— Com certeza! Boa noite

Maigret, em lugar de cruzar a cidade, percorreu o cais com as mãos nos bolsos e o cachimbo entre os dentes. A doca vazia era um grande quadrilátero negro em que só brilhavam as luzes do Océan, onde seguiam descarregando bacalhau.

“Bem debaixo do signo da raiva”, resmungou para si mesmo.

Ninguém prestou atenção quando subiu a bordo. Caminhou pela coberta, como que passeando, e descobriu uma luz na escotilha do castelo de proa. Aproximou-se e recebeu no rosto um ar cálido que cheirava a dormitório de tropa, a refeitório e a pescaria.

Baixou a escada de ferro e se encontrou entre homens que comiam em tigelas apoiadas nos joelhos. Iluminava-os uma lâmpada de petróleo suspensa no eixo cardã. No meio, crepitava uma estufa de ferro fundido recoberta de crostas de sujeira.

Ao lado das divisórias, havia quatro andares de beliches, uns ainda cheios de palha, outros vazios. E botas e impermeáveis pendurados. P'tit Louis foi o único dos três que se levantou. Os dois outros eram o bretão e um negro descalço.

— Bom apetite — resmungou Maigret.

Outros resmungos responderam.

— Onde está o resto dos companheiros?

— Em suas casas, homem — exclamou P'tit Louis. — Precisa não ter um centavo para ficar aqui quando não se navega.

Não era fácil acostumar-se com a penumbra e menos ainda com o cheiro. E assustava imaginar 40 homens convivendo ali, incapazes de fazer o menor movimento sem se chocar com os outros. Quarenta homens atirando-se com as botas nos beliches, roncando, comendo, fumando!

— O capitão alguma vez entrou aqui?

— Nunca.

Ainda havia o arquejo dos motores, o cheiro do carvão, a fuligem, as paredes de metal ardente e os choques com o mar.

— Vem comigo, P'tit Louis.

Maigret surpreendeu, às suas costas, um gesto de arrogância que o marinheiro fazia aos outros dois. Mas, uma vez em cima, na coberta banhada pela obscuridade, a P'tit Louis não restava o menor vislumbre de jactância.

— O que quer?

— Nada. Escuta, suponhamos que o capitão tenha morrido em alto mar. Alguém saberia dirigir e trazer o barco até o porto?

— Creio que não, porque o segundo oficial não sabe acertar o rumo. Ainda que digam que, com a telegrafia sem fio, o telegrafista sempre pode reconhecer a posição.

— Vias muito o telegrafista?

— Nunca! Tem que compreender que não se circula aqui dentro como agora. Existem zonas para uns e zonas para outros. Passam-se dias e dias sem um homem sair do seu lugar.

— E o chefe das máquinas?

— Ah! Esse, sim. Pode-se dizer que o via todos os dias.

— Como era?

P'tit Louis mostrou-se reservado.

— Eu não sei! Veja se entende de uma vez! Eu haveria de gostar de vê-lo aqui quando tudo vai mal: um grumete salta pela borda, há um escapamento de vapor, o capitão teima em levar o barco aonde não há nenhum peixe, um homem pega uma gangrena e tudo o mais. Certamente, você não pararia de blasfemar. Por qualquer bobagem, qualquer um lhe partiria a cara. E, para cúmulo, havia a rumor de que o capitão tinha ficado louco.

— Estava certo?

— Eu não fui perguntar a ele. Além disso...

— Além disso, o quê?

— Ao fim e ao cabo, o que importa isso aí? Se eu não lhe contar, alguém lhe contará daqui a pouco. Bem, parece que ali em cima, nenhum dos três se separava jamais do seu revólver. Os três se espivavam e cada um tinha medo dos outros dois. O capitão ficava no camarote, para onde havia levado os mapas, a bússola, o sextante e todo o resto.

— E isso durou três meses?

— Sim. Quer perguntar mais alguma coisa?

— Obrigado. Já podes ir.

P'tit Louis afastou-se como que contrariado e permaneceu um instante diante da escotilha observando o comissário, que fumava seu cachimbo lentamente.

Do porão, continuavam descarregando bacalhau, iluminados por lâmpadas de acetileno. Mas o comissário quis esquecer os vagões, os estivadores, o cais, os espigões e o farol. Achava-se sobre um universo metálico e, com os olhos baixos, evocava o mar, um campo de ondas que quilha sulcava sem cessar, hora após hora, dia após dia, semana após semana na doca.

“Não se circula aqui dentro como agora”.

Alguns homens nas máquinas. Outros no castelo de proa. E, no tombadilho de popa, outro grupo: o capitão, seu segundo oficial, o chefe das máquinas e o telegrafista. Uma lamparina de mesa ilumina a bússola. Mapas estendidos. Três meses! Quando regressaram, o capitão redigiu seu testamento, declarando sua intenção de acabar com a vida. Uma hora depois de chegar ao cais, era estrangulado e atirado na doca. E, Madame Bernard estava desconsolada porque isso impossibilitava uma união mais do que natural! O chefe de máquinas fazia cenas à mulher! Uma tal Adèle brigava com um desconhecido, mas fugia com ele no momento em que Maigret lhe colocava debaixo do nariz sua fotografia manchada com tinta vermelha. E, em sua cela, Le Clinche, o telegrafista, mostrava um humor demoníaco.

O barco apenas se movia. Só um suave movimento, como uma respiração. No castelo de proa, um dos três homens tocava acordeom. Maigret, ao virar a cabeça, descobriu no cais duas silhuetas femininas; apressou-se a cruzar a passarela.

— Que fazem aqui?

Ruborizou-se porque havia utilizado um tom áspero e, sobretudo, porque o havia dominado o frenesi que animava a todos os atores do drama.

— Queríamos ver o barco — respondeu Madame Maigret com uma humildade desarmante.

— É culpa minha — interveio Marie Léonnec — Eu insisti em...

— Está bem! Está bem! Já jantaram?

— Claro, já são dez horas. E tu?

— Sim, obrigado.

O Rendez-Vous des Terres-Neuves sera um dos poucos locais que continuava iluminado. No espigão, adivinhavam-se algumas silhuetas: turistas que davam aplicadamente seu passeio noturno.

— Descobriu alguma coisa? Perguntou a namorada de Le Clinche.

— Ainda não. Ou digamos que não grande coisa.

— Não sei se posso lhe pedir um favor.

— Diga-me.

— Gostaria de ver o camarote de Pierre. Permite-me?

Acompanhou-a até lá, encolhendo os ombros. Madame Maigret negou-se a cruzar a passarela.

Uma autêntica cama de metal. Aparelhos de telegrafia sem fio. Uma mesa de metal, um banco, um beliche. Em uma divisão, uma fotografia de Marie Léonnec em traje bretão. Havia uns sapatos usados no chão e uma calça sobre o beliche.

A jovem respirava essa atmosfera com uma curiosidade misturada com alegria.

— Bom, não é exatamente como eu imaginava. Jamais limpava os sapatos. E olhe! Bebia sempre neste copo, sem lavá-lo.

Uma jovem curiosa, com uma mescla de timidez, bons modos e por outro lado, energia e audácia. Agora, duvidou?

— E o camarote do capitão?

Maigret esboçou um sorriso, porque ela, no fundo, esperava descobrir alguma coisa. Conduziu-a até lá. Inclusive, foi buscar uma lanterna na coberta.

— Como pôde viver com esse cheiro? — perguntou, dando um suspiro. Olhava atentamente ao seu redor. Viu-a perturbada pela timidez quando pronunciou:

— Por que levantaram a cama?

Maigret deixou que o cachimbo se apagasse. A observação era correta. Toda a tripulação dormia em beliches que, de certo modo, faziam parte da arquitetura do barco. Só o capitão tinha uma cama de ferro. Pois bem, debaixo de cada pé dessa cama haviam colocado um suporte de madeira.

— Não lhe parece estranho. É como se...

Ao comissário, não restava nenhum traço de mau humor. Via como o rosto pálido da jovem estava tenso sob o efeito da reflexão e da alegria.

— É como... Mas não ria de mim, sim? É como se tivessem levantado a cama para que alguém pudesse se ocultar embaixo. Sem os suportes de madeira o estrado fica muito baixo. Agora, em troca...

E antes que ele pudesse intervir, foi ao chão, apesar da sujeira que cobria o pavimento e deslizou para baixo da cama.

— Cabe uma pessoa! — exclamou.

— Sim. Agora vamos.

— Permite-me um momento? Dê-me por um instante a lanterna, comissário.

Maigret não conseguia perceber do que ela falava e se impacientava.

— O que está acontecendo?

— Sim, espere. — Saiu imediatamente, com seu casaco cinza todo manchado e os olhos febris. — Afaste a cama e verá.

A voz tremia e lhe tremiam as mãos. Maigret separou brutalmente a cama da parede e olhou para o chão.

— Não vejo nada.

Ao notar que ela não respondia, voltou-se e a viu chorando

— O que viu? Por que chora?

— Leia isto.

Maigret teve que agachar-se e focar a parede com a lanterna. Então distinguiu algumas palavras escritas na madeira com algo pontudo, um alfinete ou um prego.

“GASTON — OCTAVE — PIERRE — HEN...”

O último nome estava incompleto. Entretanto, não se tratava de um trabalho rápido. Para fazer algumas letras deve ter levado mais de uma hora. Havia flores e riscos que se faz quando se está ocioso. Dois cornos de veados desenhados sobre o nome “Octave” davam a nota cômica.

A jovem havia sentado na borda da cama, deslocada no meio do camarote. Continuava chorando em silêncio.

— É curioso — resmungou Maigret. — Daria qualquer coisa para saber...

Então, ela se levantou com veemência.

— Claro que sim. Isso é o que é! Aqui havia uma mulher escondida. Mas isso não impedia que os homens viessem vê-la. Verdade que o capitão Fallut se chamava Octave?

Raras vezes, o comissário havia se sentido tão perturbado.

— Não se apresse a tomar demasiadas conclusões — aconselhou, sem a menor convicção.

— Mas, se está escrito! Toda a história está aí, olhe! Quatro homens que...

Que poderia fazer para acalmá-la?

— Confie em minha experiência. Em matéria policial, sempre convém esperar antes de julgar.

Ontem mesmo, você me dizia que Le Clinche não seria capaz de assassinar ninguém.

— Sim — soluçou. — Isso acredito, não é verdade? — seguia, aferrando-se à esperança. — Se chama Pierre!

— Eu sei. Mas o quê! Um marinheiro em cada dez se chama.

Pierre, e havia quarenta homens a bordo. Também havia um Gaston e um Henry.

— O que acha de tudo isso?

— Nada.

— Vai mostrar ao juiz? Quando penso que fui eu que...

— Vamos, acalme-se. Ainda não descobrimos nada. Só sabemos que, por uma ou outra razão, elevaram a cama e alguém escreveu alguns nomes na parede.

— Havia uma mulher.

— Por que uma mulher?

— Mas...

— Vamos, Madame Maigret nos espera no cais.

— É verdade — reconheceu com docilidade, e secou as lágrimas enquanto ofegava.

— Não devia ter vindo. Eu creio... Não é possível que Pierre... Comissário, tenho que ver Pierre assim que for possível. Falarei a sós com ele. Você conseguiu que me permitam, não é?

Antes de entrar na passarela, deu uma olhada carregada de ódio ao barco negro; agora que sabia que uma mulher havia se escondido a bordo, a seus olhos o pesqueiro tinha mudado.

Madame Maigret observava com curiosidade.

— Não chore, vamos. Sabe perfeitamente que tudo se acertará.

— Não! Não! — negou Marie com a cabeça.

Não podia falar. Engasgava. Queria seguir olhando o barco. E Madame Maigret, que não entendia nada, interrogava o marido com os olhos.

— Acompanhe Marie até o hotel. Procura tranquilizá-la.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada concreto. Creio que chegarei bastante tarde.

Elas se afastaram. Marie Léonnec voltou-se muitas vezes e sua esposa teve que arrastá-la como uma criança. Maigret esteve a ponto de subir, novamente, a bordo. Mas tinha sede. No Rendez-Vous des Terres-Neuves havia luz.

Quatro marinheiros jogavam cartas em uma mesa. Junto ao balcão, um jovem guarda-marinha havia passado o braço ao redor da cintura da garçonete e esta soltava, de vez em quando, uma risadinha. O dono, por sua vez, seguia a partida e dava conselhos.

— Ora! Você aqui! — cumprimentou Maigret. Não parecia muito contente em voltar a vê-lo. Ao contrário, deixava transparecer certo mal estar. — Vamos, Julie, serve ao senhor comissário. Ao que posso convidá-lo?

— A nada, em absoluto. Se me permite, tomarei a consumação como um cliente qualquer.

— Não pretendia ofendê-lo. Eu..

Significava que o dia terminaria sob o signo da ira? Um dos marinheiros murmurou, em dialeto normando, algo que Maigret traduziu como “aqui fede a queimado”. O comissário o olhou nos olhos. O marinheiro corou e balbuciou:

— Paus.

— Devias jogar espadas — murmurou Leon, para dizer alguma coisa.

5 Adèle e seu acompanhante

Soou o telefone. Leon correu para atender e avisou, de imediato a Maigret.

— Ouça — disse uma voz aborrecida — Comissário Maigret? Sou o oficial da delegacia. Acabo de telefonar ao seu hotel e me informaram que talvez o encontrasse no Rendez-Vous des Terres-Neuves. Desculpe incomodar, senhor comissário. Faz meia hora que estou ao telefone tentando localizar o chefe. E quanto ao comissário da Brigada Móvel, acho que foi embora de Fécamp. Acontece que acabam de chegar dois tipos estranhos dizendo que tem, urgentemente, que dar algumas declarações. Um homem e uma mulher.

— Foram com um carro cinza?

— Sim. São os que você procura?

Dez minutos depois, Maigret chegou à delegacia. Todas as dependências estavam desertas, salvo o escritório destinado a atender ao público, dividido em dois por uma barreira. O oficial escrevia enquanto fumava um cigarro. Sentado num banco, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo entre as mãos, esperava um homem. A mulher ia e vinha, golpeando o chão com seus saltos afiados.

Quando o comissário entrou, ela se dirigiu a ele; o homem levantou-se dando um suspiro de alívio e resmungou entre dentes:

— Até que enfim!

— Tratava-se da dupla de Yport, ainda mais mal humorada do que durante a discussão a que Maigret havia assistido.

— Façam o favor de acompanhar-me — Fez com que entrassem no escritório do comissário, sentou-se na poltrona dele e encheu um cachimbo, sem deixar de observá-los. — Podem sentar-se.

— Obrigada! — exclamou a mulher, sem dúvida a mais nervosa dos dois. — Não vou tomar-lhe muito tempo.

O comissário a tinha diante dele, iluminada por uma lâmpada potente. Não era difícil classificá-la, ainda que para isso não bastasse o retrato mutilado. Uma mulher bonita, na acepção popular do conceito. Carnes apetitosas, dentes sadios, sorriso provocador e olhar vivaz. Tratava-se, exatamente, de uma bela fulana, carinhosa e comilona, disposta a provocar um escândalo ou a rir às gargalhadas, do modo mais vulgar. Sobre a blusa rosa, levava um broche de ouro do tamanho de uma moeda de cinco francos.

— Quero dizer-lhe, de saída...

— Perdoe-me — interrompeu Maigret. — Faça o favor de sentar-se, como lhe indiquei. Responda agora às minhas perguntas.

Ela pestanejou e fez um trejeito com a boca.

— Ouça! Você esquece que estou aqui porque quero.

Seu amigo, incomodado com a atitude dela, fez cara feia. Faziam uma boa dupla. Ele era o típico homem que acompanha essa classe de mulheres. Para ser exato, não tinha feições patibulares. Vestia corretamente, ainda que com mau gosto. Usava grandes anéis nos dedos e uma pérola na gravata. Porém, o conjunto era inquietante, talvez porque se percebia que estava à margem das classes sociais estabelecidas. Pertenceria a esta classe de homens que se vê a qualquer hora em cafés e cervejarias, bebendo champanhe barato em companhia de mulheres e hospedando-se em hotéis de terceira categoria.

— Você primeiro! Nome, domicílio e profissão...

O homem quis levantar-se.

— Continue sentado.

— Deixe que lhe explique.

— Em absoluto! Seu nome?

— Gaston Buzier. Atualmente me dedico à venda e aluguel de casas. Resido habitualmente em Le Havre, no hotel L'Agneau d'Argent.

— Tem licença de corretor de imóveis?

— Não, mas...

— Trabalha para alguma agência?

— O caso é que...

— Basta! Em duas palavras, se dedica a fazer biscates. Em que trabalhava antes?

— Era representante de uma marca de bicicletas. Também vendi máquinas de costura pelas aldeias.

— Quantas condenações?

— Não respondas, Gaston — intrometeu-se a mulher. — Isto já é demais! Viemos para...

— Cala-te. Duas condenações. Uma delas com sentença em suspenso, por cheque sem fundos.

Outra, de dois meses, por não haver entregado ao proprietário o sinal recebido por uma casa. Verá que são crimes pequenos.

Notava-se que estava acostumado a enfrentar a polícia. Comportava-se com desenvoltura, e em seu olhar brilhava uma pitada de malícia.

— Agora, você — exclamou Maigret, voltando-se para a mulher.

— Adéle Noirhomme, nascida em Belleville.

— Fichada?

— Há cinco anos me ficharam em Estrasburgo, por culpa de uma burguesa que me odiava porque lhe tirei o marido. Mas a partir de então...

— ... Tem conseguido escapar ao controle da polícia, não? Perfeito! Quer me dizer o que fazia a bordo do Océan?

— Deixe-me que lhe explique — replicou o homem — Se estamos aqui, é precisamente porque não temos nada do que nos envergonhar. Adéle me disse em Yport, que você tinha uma foto dela e que, certamente, se dispunha a detê-la. Nossa primeira ideia foi fugir para evitar problemas, porque a verdade é que sabemos como são essas coisas. Em Etretat, vi de longe policiais patrulhando e compreendi que acabariam por encontrar-nos. Assim que preferi me apresentar voluntariamente.

— Agora, você, senhorita. Perguntei o que fazia a bordo do pesqueiro.

— Muito simples: seguia com meu amante.

— O capitão Fallut?

— O capitão, sim. Para dizer-lhe a verdade, estava com ele desde novembro. Conhecemos-nos em Le Havre, em um café. Gostei dele e vinha ver-me duas a três vezes por semana. No início, tomei-o por um tipo raro, porque não me pedia nada. Mas acabou que estava muito apaixonado por mim. Eu era o grande amor de sua vida! Alugou para mim um apartamento mobiliado, e me dei conta de que, se eu agisse com astúcia, ele acabaria se casando comigo. Não que os marinheiros sejam muito ricos, mas tem entradas regulares, e logo está aposentado.

— Você nunca o acompanhou a Fécamp?

— Não, ele me proibiu. Ele vinha ver-me. Era muito ciumento. O tipo não devia ter muitas aventuras porque, aos cinquenta anos, era tão tímido com as mulheres como um colegial. Assim, quando se enamorou perdidamente de mim...

— Perdoe-me. Você era então amante de Gaston Buzier?

— Naturalmente! Mas apresentei-o a Fallut e disse-lhe que era meu irmão.

— De acordo. Em resumo, vocês viviam do dinheiro do capitão.

— Eu trabalhava — protestou Buzier.

— Já me disse; trabalhava todos os sábados à tarde! A quem ocorreu a ideia de embarcar, senhorita?

— A Fallut. Só pensar em me deixar sozinha durante toda a viagem o transtornava. Tinha pânico, porque o regulamento era muito severo e ele era um homem que respeitava as regras. Resistiu até o último momento. Depois, veio buscar-me. Na noite antes de zarpar, me fez entrar no camarote... a mim, me divertia isso de trocar de ares; mas se soubesse o que me esperava, não teria embarcado, nem louca.

— Buzier não protestou?

— Ao princípio, estava em dúvida. Não convinha contrariar as ideias do velho, entende? Fallut havia prometido aposentar-se logo depois da expedição e casar-se comigo. Mas, uma vez no barco, que vida me deu! Passava o dia encerrada em um camarote que fedia a pescado. E não só isso: quando entrava alguém, tinha que esconder-me debaixo da cama. Não fizemos mais nada no mar, Fallut começou a lamentar-se por me haver levado. Jamais vi um homem tão assustado como ele. Vinha dez vezes por dia ver se a porta estava bem fechada. Se eu falava, me obrigava a calar, com medo de que alguém ouvisse. Estava mal humorado, tenso. Às vezes, ficava me olhando longo tempo, como se estivesse pensando em livrar-se de mim jogando-me no mar. — A mulher tinha uma voz estridente. Gesticulava. — Além disso, estava cada vez mais ciumento. Perguntava coisas do meu passado. Queria saber tudo. Passava três dias sem falar comigo, espiando-me como se fosse uma inimiga. Depois, de repente, voltava apaixonadíssimo. Houve momentos em que me deu muito medo.

— Quais os outros membros da tripulação que viu a bordo?

— Verá. Na quarta noite, farta de estar encerrada, quis tomar ar na coberta e Fallut subiu para assegurar-se de que não havia ninguém. Só me permitiu dar cinco passos. Teve que subir um instante à passarela, e então chegou o telegrafista e me falou; o homem estava assustado e nervoso. No dia seguinte, conseguiu entrar no camarote.

— Fallut o viu?

— Não creio. E se viu, não me disse nada.

— Tornou-se amante de Le Clinche?

Ela não respondeu. Gaston Buzier deu uma risadinha.

— Confessa — disse-lhe com malícia.

— Por acaso, não sou livre? Tampouco tu te privaste de mulheres durante a minha ausência, não? Que me dizes da juvenzinha de Villa des Fleurs? E a da foto que encontrei no teu bolso?

Maigret permanecia sério como um agourento.

— Senhorita, estou lhe perguntado se foi amante do telegrafista.

— E eu lhe digo que não responderei a isto.

Provocava o comissário com um sorriso úmido. Sabia-se atrativa. E contava com seus lábios carnosos e seu corpo apetecível.

— O chefe das máquinas também a viu.

— O que ele contou?

— Nada. Em resumo, o capitão a mantinha escondida no camarote, enquanto Pierre Le Clinche e o chefe das máquinas iam vê-la às escondidas. Fallut se deu conta?

— Não!

— Entretanto, suspeitava de alguma coisa, rondava ao seu redor e só a abandonava quando estritamente necessário.

— Como sabe?

— Continuava falando de casamento?

— Não sei

Maigret lembrou do pesqueiro, com os foguistas isolados em seus armários, os homens amontoados no castelo de proa, o telegrafista em seu camarote, e o capitão no dele, na popa, com a cama ligeiramente levantada. A viagem havia durado três meses! E durante esse tempo três homens haviam acessado o camarote onde a mulher permanecia encerrada.

— Cometi uma estupidez — exclamava — Juro que se tivesse que repeti-la... Sempre temos que desconfiar dos homens tímidos que nos falam de casamento.

— Se me tivesses escutado... — disse Gaston Buzier.

— Tu, cala-te. Se te houvesse escutado, já sei em que tipo de casa estaria agora. Não quero falar mal de Fallut, agora que está morto, mas tenho que confessar que estava louco. Armava cada história! Acreditava-se desonrado só por haver infringido os regulamentos. E piorava. Ao cabo de oito dias, se abria a boca era para fazer-me censuras ou para perguntar-me se havia entrado alguém no camarote. Estava com ciúme, especialmente de Le Clinche, e me dizia: “Gostarias dele, não? Um jovem como ele... Confessa-o, confessa que se ele entrar aqui na minha ausência, não o recusarias?” E ria até fazer com que me sentisse muito desgraçada.

— Quantas vezes viu Le Clinche? — perguntou lentamente Maigret.

— Bom, o que importa isso? Uma vez, no quarto dia. Nem sequer poderia dizer como foi. Depois, já não pôde voltar porque Fallut me vigiava estreitamente.

— E o chefe das máquinas?

— Nunca! Ainda que tenha tentado várias vezes. Ficava me olhando por uma escotilha, palidíssimo. Você acredita que isso era vida? Sentia-me como um animal enjaulado. Quando o mar estava ruim, ficava mareada e Fallut nem sequer me cuidava. Passava semanas sem tocar-me, e depois, entrava como num frenesi, me beijava como se mordesse, me abraçava como para asfixiar-me.

Gaston Buzier havia acendido um cigarro e fumava com uma careta irônica.

— Senhor comissário, como compreenderá não tenho nada que ver com tudo isso. Durante todo esse tempo, eu trabalhava.

— Por favor! — exclamou ela com impaciência.

— O que aconteceu na volta? Fallut lhe falou de sua intenção de matar-se?

— Ele? De forma alguma. Quando chegamos ao porto, fazia quinze dias que não me dirigia a palavra. E mais, acredito que não falava com ninguém. Passava horas olhando o vazio. Eu já me havia decidido a abandoná-lo. Estava farta, entende? Prefiro rebentar de fome a que me tirem a minha liberdade. No momento em que ouvi que chegávamos ao cais, ele entrou no camarote e só disse algumas palavras: “Espere que eu venha buscá-la”.

— Como? Não eram íntimos?

— No final, não.

— Prossiga.

— Não sei mais nada. Ou melhor, Gaston me contou o resto. Ele estava no cais.

— Fale — disse Maigret ao homem.

— Como ela disse, eu estava no cais. Vi que os marinheiros entravam na taverna e esperei que Adèle desembarcasse. Era noite. O capitão desceu a terra, avançou entre os vagões que estavam no cais e então um homem se jogou em cima dele. Não sei exatamente o que aconteceu, mas ouvi que um corpo caía na água.

— Reconheceria o homem?

— Não. Estava escuro e os vagões me impediam de ver toda a cena.

— Em que direção se foi?

— Creio que seguiu pelo cais.

— E não viu o telegrafista?

— Não sei. Não o conheço.

— Então, senhorita, como saiu do barco?

— Alguém me abriu a porta do camarote, pois o capitão havia me deixado trancada. Era Le Clinche e me disse: “Vá-se embora em seguida”.

— Isso é tudo?

— Quis fazer-lhe algumas perguntas. Ouvi gente correndo pelo cais e uma lancha que avançava pela doca com uma lanterna. “Vá embora”, me repetiu, e me empurrou pela passarela. Todos olhavam para o outro lado e ninguém se fixou em mim. Compreendi que alguma coisa estranha tinha acontecido, mas preferi ir embora. Gaston me esperava um pouco mais longe.

— E o que fez, a partir de então?

— Gaston estava muito pálido. Recorremos vários bares e bebemos rum. Depois, nos hospedamos no Hotel Du Chémin de Fer. Na manhã seguinte, ao ver que todos os jornais falavam da morte de Fallut, decidimos ir para Le Havre. Não nos interessava entrar nessa história.

— No entanto, ela insistiu em vir rondar por aqui — interrompeu o amante — não sei se para ver o telegrafista ou...

— Cala-te e chega! Está claro que essa história me preocupava. E viemos três vezes a Fécamp. Para que não nos vissem muito, dormíamos em Yport.

— Voltou a ver o chefe das máquinas?

— Como sabe? Um dia me viu em Yport e me lançou um olhar que me assustou. Seguiu-me um bom tempo.

— Por que discutia com seu amante?

Ela encolheu os ombros.

— Porque sim. Está convencido de que estou apaixonada por Le Clinche, de que o telegrafista matou o capitão por minha culpa e tudo o mais que você queira. Armou várias cenas. E já estou cheia! Bastante mal eu passei por causa dessa porcaria de barco.

— Quando lhe mostrei sua foto no terraço...

— Um truque muito inteligente. E me dei conta que você era da polícia. Pensei que Le Clinche havia falado. Senti medo e convenci Gaston a fugir. Porém, no caminho, nos convencemos de que não valeria a pena, que nos encontrariam a qualquer momento. Além disso, só tínhamos duzentos francos no bolso. O que você vai fazer comigo? Não pode nos prender.

— Acredita que o telegrafista é o assassino?

— Como quer que o saiba?

— Você tem uns sapatos amarelos? Perguntou brutalmente Maigret a Gaston Buzier.

— Eu... sim, por quê?

— Por nada. Era simplesmente uma pergunta. Tem certeza de que não é capaz de identificar o assassino do capitão?

— Só vi uma silhueta na sombra.

— Pierre Le Clinche, que também estava ali, escondido entre os vagões, sustenta que o assassino usava sapatos amarelos.

O homem levantou-se de um salto, com um olhar duro e os lábios apertados.

— Disse isso? Tem certeza que ele disse isso? — A raiva o sufocava e fazia tartamudear. Já não

era a mesma pessoa. Golpeou a escrivantina com o punho. — Isto é demais! Tem que levar-me até ele. Diabos, sim! Já verá como ele mente. Uns sapatos amarelos. Então, era eu? Pega minha amante, a faz sair do barco, e ainda por cima tem a desfaçatez de dizer...

— Acalme-se.

O homem, que apenas podia respirar, disse, arquejando:

— Ouves, Adéle? São assim teus amantes. — Brotavam lágrimas de raiva e lhe batiam os dentes. — Só me faltava essa. Eu que... Já! Já! Nunca havia ouvido nada semelhante. Nem no cinema. E claro, como tenho duas condenações, acreditam nele. Eu matei o capitão Fallut porque tinha ciúme, não é verdade? E o que mais? Certo que também terei matado o telegrafista.

Com um gesto febril, passou a mão pelo cabelo ate despentear-se. Agora parecia mais magro. Seus olhos estavam mais fundos, e a pele, mais macilenta.

— O que espera para prender-me?

— Cala-te — resmungou Adéle.

Mas ela também estava descomposta, o que não impedia de lançar ao companheiros olhares inquisitivos. Duvidava dele, ou era só comédia?

— Se tem que deter-me, faça-o logo. Porém exijo uma acareação com este senhor. Então, se saberá a verdade.

Maigret apertou a campainha. O oficial apareceu com expressão preocupada.

— Prenda os dois até amanhã, à espera que o juiz tome uma decisão.

— Canalha! — cuspiu Adéle, no chão. — Não se preocupe. Da próxima vez, não virei dizer-lhe a verdade. Ademais, tudo que lhe contei, é mentira, não assinarei nenhuma declaração. E pode ir pensando em outros planos. Sinto, porém são assim as coisas. — Voltou-se para o amante. E completou: — Não te preocupes, Gaston. Tudo está sob controle. Já verás como no fim das contas sairemos ganhando. Claro que uma mulher que foi fichada como prostituta é carne de presídio, não é verdade? Não serei eu, por acaso, quem matou o capitão?

Maigret saiu sem ouvir mais nada. Fora, respirou profundamente a brisa marinha e sacudiu a cinza do cachimbo. Havia dado dez passos e ainda se ouvia Adéle na delegacia, dirigindo aos policiais, as palavras mais vulgares do seu vocabulário.

Eram duas da manhã. Uma calma irreal dominava a noite. A maré havia subido e os mastros dos barcos, mais altos do que os telhados das casas, balançavam. E acima de tudo isso, ouvia-se o rumor regular das ondas, uma atrás da outra, sobre os seixos da praia.

Viu luzes ao redor do Océan. A descarga prosseguia, dia e noite, e os estivadores empurravam laboriosamente os vagões de bacalhau, à medida que chegavam. O Rendez-Vous des Terres-Neuves estava fechado. Ao chegar ao Hotel de la Plage, o porteiro veio abrir a porta em pijamas. No vestíbulo só havia uma lâmpada acesa. Por isso, Maigret descobriu imediatamente uma silhueta de mulher em uma cadeira de vime. Marie Léonnec dormia com a cabeça apoiado no ombro.

— Creio que está lhe esperando — murmurou o porteiro.

Estava pálida e debilitada. Seus lábios haviam perdido a cor e grandes olheiras delatavam seu cansaço. Dormia com a boca entreaberta, como se lhe faltasse o ar.

Maigret tocou-lhe suavemente o ombro. Ela se sobressaltou, ergue-se e, confusa, olhou-o.

— Ora, eu adormeci.

— Por que não se deitou? Minha mulher não a acompanhou ao quarto?

— Sim, mas eu voltei a descer sem fazer ruído. Queria saber... diga-me...

O sono lhe havia umedecido a pele, e estava menos bonita que de costume. Uma picada de mosquito lhe havia deixado uma mancha avermelhada na frente. A roupa, que ela mesma devia ter

cortado, em um tecido pesado, estava enrugado.

— Descobriu algo novo? Não? Escute, eu estive pensando muito em tudo isso. Não sei como dizê-lo. Antes que eu veja Pierre amanhã, gostaria que você falasse com ele, que contasse a ele que eu sei de tudo a respeito dessa mulher e que lhe diga que não estou zangada. Porque se eu falar primeiro, se sentirá mal. Viu-o esta manhã: está atormentado. Se havia uma mulher a bordo, é natural que ele... — Era superior a suas forças. Rebentou em soluços, e não podia deixar de chorar. — Conviria que isto não aparecesse nos jornais, e que meus pais não soubessem. Não entenderiam. Eles... — Soluçava. — Tem que encontrar o assassino! Se eu pudesse interrogar as pessoas... Oh, perdão! Já não sei o que digo. Você o faz melhor do que eu, mas eu conheço Pierre. Sou dois anos mais velha do que ele, e lhe asseguro que é como um menino. E, sobretudo se o acusa, é capaz de fechar-se ainda mais e não dizer nada. É muito susceptível. Já o humilharam tantas vezes!

Maigret colocou a mão suavemente no ombro dela e reprimiu um profundo suspiro. A voz de Adèle continuava zumbindo na cabeça dele. Voltava a vê-la, provocativa, desejável em sua plenitude animal, cheia de sensualidade. A jovem bem educada, debilitada, tentou sufocar os soluços e sorrir com confiança.

— Quando você o conhecer melhor...

Mas ela jamais saberia o que era viver em um camarote ao redor do qual rondaram três homens, durante dias, durante semanas, no meio do mar, enquanto os foguistas e os marinheiros adivinhavam confusamente uma tragédia, contemplavam o mar, discutiam as manobras, deixavam-se invadir pela inquietude e falavam de maldições e loucura.

— Verei Le Clinche amanhã.

— E eu?

— Talvez. Mas agora tem que descansar.

Pouco depois, Madame Maigret em seu cochilo murmurou:

— É muito simpática. Sabes que preparou seu enxoval, todo bordado a mão? Averiguaste algo novo? Cheiras a perfume.

Sem dúvida, lhe havia ficado um pouco do perfume de Adèle. Esse perfume, tão vulgar como o vinho tinto das tabernas, havia se misturado durante meses, a bordo do pesqueiro, com o cheiro rançoso do bacalhau enquanto alguns homens davam voltas, obstinados e ariscos como cães, em torno do camarote.

— Durma bem — disse-lhe, puxando o cobertor até o queixo.

E deu um beijo grave e profundo na fronte de sua mulher, já adormecida.

6 Três inocentes

As acareações, em sua maioria, aconteciam em cenários muito simples. Este, de fato, se efetuava em um pequeno escritório da cadeia de Fécamp. O comissário Girard, de Le Havre, que dirigia a investigação, estava sentado na única poltrona. Maigret tinha os cotovelos apoiados na chaminé de granito negro. Nas paredes havia gráficos, avisos oficiais e uma litografia do presidente da república.

De pé, em plena luz, estava Gaston Buzier, calçado com seus sapatos amarelos.

— Façam passar o telegrafista.

A porta se abriu. Pierre Le Clinche, que não havia sido avisado, avançou carrancudo, como um homem que sofre e que aguarda novas tribulações. Viu Buzier, mas não lhe deu a menor atenção, e olhou ao redor, perguntando-se para quem devia voltar-se.

Por sua vez, o amante de Adéle o observava dos pés a cabeça, com uma careta de desapeço.

A tez cinzenta de Le Clinche estava cheia de rugas. Não tentava intimidar nem ocultar o desânimo.

Tinha a tristeza de um animal doente.

— Reconhece o homem que tem diante de si?

Olhou para Buzier e pareceu procurar na memória.

— Não. Quem é?

— Observe-o bem detidamente.

Le Clinche obedeceu e, quando seu olhar se deteve nos sapatos, levantou a cabeça.

— E então?

— Sim.

— O que significa esse sim?

— Entendo o que você quer dizer. Os sapatos amarelos.

— Precisamente! — exclamou, de repente, Gaston Buzier, que até então não havia dito nada, mas mostrava uma expressão terrível. — Atreve-se a repetir que eu assassinei o teu capitão, vamos!

Todos os olhares se dirigiram ao telegrafista, que baixou a cabeça e esboçou um gesto cansado com a mão.

— Fale.

— Talvez não fossem estes sapatos.

— Há! Há! — ria, triunfante, o outro. — Recuas, então?

— Não reconheces o assassino de Fallut?

— Creio que não. Não.

— Não sei se você sabe que este senhor é o amante de uma tal de Adéle, a que você conhece. Ele confessou que se achava perto do pesqueiro no momento do crime. E calçava sapatos amarelos.

Buzier desafiava Le Clinche com os olhos, tremendo de impaciência e raiva.

— Isso! Que fale. Mas que procure dizer a verdade, porque senão lhe juro que...

— Cale-se! Que diz, Le Clinche?

Este passou a mão pela frente e fez uma careta de dor.

— Não sei. Que importa a mim esse tipo?

— Entretanto, você viu que um homem com sapatos amarelos se atirou em cima de Fallut.

— Não me recordo.

— Isso foi o que você declarou em seu primeiro interrogatório. E não faz muito tempo. Mantém sua declaração?

— Pois não! Vi um homem com sapatos amarelos. E nada mais. Não sei se era o assassino.

À medida que a acareação prosseguia, Gaston Buzier, ainda que cansado pela noite passada na cadeia, ia recuperando sua segurança. Agora, oscilava de uma perna para a outra, com uma mão no bolso da calça.

— Percebem como muda de opinião? Não se atreve a repetir as mesmas mentiras de antes.

— Responda, Le Clinche. Até o momento, estamos certos de que, quando assassinaram o capitão, havia duas pessoas perto do pesqueiro: você e Buzier. Depois de acusá-lo, parece que agora se retrata.

Havia, talvez, uma terceira pessoa. Nesse caso, você a viu. Quem é essa terceira pessoa?

Silêncio. Pierre Le Clinche não despregava os olhos do chão.

Maigret, que continuava apoiado na chaminé, não havia participado do interrogatório; deixava falar o colega e se limitava a observar os dois homens.

— Repetirei a pergunta: havia uma terceira pessoa no cais?

— Não sei — murmurou o preso.

— Significa isso que sim?

Respondeu encolhendo os ombros, que significava: “Como queira”.

— Estava muito escuro.

— Diga-me estão porque disse que o assassino calçava sapatos amarelos? Pretendia desviar as suspeitas do verdadeiro culpado, a quem você conhece?

O jovem apertou a cabeça com as duas mãos.

— Não posso mais — gemeu.

— Responda!

— Não! Faça o que lhe parecer melhor.

— Passe ao testemunho seguinte.

Quando se abriu a porta, Adéle avançou com uma segurança exagerada. Deu uma olhada, percorreu toda a sala e percebeu o que acontecera. Observou longamente o telegrafista e pareceu surpreender-se por vê-lo tão constrangido.

— Suponho, Le Clinche, que reconhece a mulher que o capitão Fallut mantinha escondida em seu camarote durante toda a viagem e de quem você foi amante?

Ela olhou com frieza. Entretanto, os lábios de Adéle se entreabriram para esboçar um sorriso incitante.

— É ela.

— Em suma, a bordo havia três pessoas que se relacionaram com ela: o capitão. O chefe das máquinas e você. Você se deitou com ela pelo menos uma vez. O chefe das máquinas não conseguiu. O capitão ficou sabendo que você o havia enganado?

— Se soube, nunca me disse.

— Era muito ciumento, não é verdade? Por causa do ciúme, passou três meses sem lhe dirigir a palavra, não é verdade, Le Clinche?

— Não.

— Como? Por acaso, havia outra razão?

Ruborizado, e sem saber para onde olhar, balbuciou muito rapidamente:

— Talvez fosse por isso, não sei.

— Que outro motivo de ódio ou desconfiança havia entre vocês?

— Eu... Não havia nenhum outro motivo. Você tem razão. Estava com ciúme.

— O que o moveu a se tornar amante de Adéle?

Silêncio.

— Você a amava?

— Não — exclamou secamente.

— Muito obrigada — gritou a mulher. — És muito amável. Entretanto, até o último dia, ficaste dando voltas ao meu redor, não é assim? Ainda que tivesses a outra te esperando em terra, não é verdade?

Gaston Buzier dissimulava assobiando ou metendo os dedos nas cavas do colete.

— Diga-me também, Le Clinche, se quando regressou a bordo, depois de presenciar a morte do capitão, Adéle continuava presa no camarote.

— Sim, continuava presa.

— Assim, então, ela não pode tê-lo matado.

— Não, ela não foi, eu juro.

Le Clinche estava nervoso. Mas o comissário Girard continuou, sem importar-se.

Buzier afirma que você não o matou. E você, depois de acusá-lo, se retrata. Resta a hipótese de eu

vocês dois sejam cúmplices.

— Muito obrigado! — falou violentamente Buzier, com despreço. — Quando me ocorrer cometer um assassinato, não será com um... um...

— Chega! Os dois podem tê-lo matado por ciúme, porque os dois foram amantes de Adèle. Buzier gargalhou.

— Eu, com ciúme? E de quem?

— Tem alguma coisa mais para declarar? Não? E você, Le Clinche?

— Não.

— Buzier?

— Quero dizer que sou inocente e pedir que me ponham em liberdade.

Adèle pintava os lábios.

— Eu... — retocava com o batom — Eu... — Olhava no espelho — Não tenho nada a dizer. Todos os homens são uns arruaceiros. Ouviram esse menino, por quem eu seria capaz de fazer loucuras? Sim, não precisas me olhar assim, Gaston. Agora, se querem saber minha opinião, lhes direi que, em todo esse assunto do barco, há coisas que não sabemos. Desde que souberam que havia uma mulher a bordo, acreditaram que isso explicava tudo. E se houvesse algo mais?

— Por exemplo?

— Como vou saber? Não sou da polícia.

Recolheu os cabelos debaixo do chapéu de palha vermelha. Maigret descobriu que, nesse momento, Pierre Le Clinche virava a cabeça.

Os dois comissários trocaram um olhar. Girard exclamou:

— Le Clinche regressará à cela. Vocês dois esperem no salão. Dentro de um quarto de hora lhes direi se estão livres ou não.

Os policiais, uma vez sozinhos, se olharam pensativos.

— Pensa sugerir a um juiz que os deixe em liberdade? — perguntou Maigret.

— Sim, creio que será melhor. Talvez tenham alguma coisa a ver com o crime: entretanto, outros elementos nos escapam.

— É claro!

— Ponha-me em contato com o Palácio da Justiça em Le Havre, senhorita... Ouve? Com o juizado de instrução, sim.

Pouco depois, enquanto o comissário Girard falava com o juiz, ouviu-se um ruído no corredor. Maigret correu para lá e descobriu Le Clinche, no chão, debatendo-se em meio a três homens uniformizados.

Achava-se em um estado de excitação espantoso. Os olhos, injetados de sangue, lhe saíam das órbitas. A boca babava. Fortemente seguro, já não podia mover-se.

— O que aconteceu?

— Ao ver que parecia tranquilo, não lhe colocamos as algemas. Quando chegamos ao corredor, tentou tirar-me o revólver do cinto. Consegui e tentou matar-se, mas consegui impedir que disparasse.

Le Clinche, do chão, olhava fixamente para cima; com os dentes, mordeu a carne dos lábios, misturando sangue e saliva. O mais comovente eram as lágrimas que corriam por suas pálidas bochechas.

— Talvez um médico...

— Não! Soltem-no! — ordenou Maigret. E quando o outro ficou só sobre laje, lhe disse:

— De pé! Vamos! Mais depressa! E tranquilo. Senão, lhe darei um bofetão. Não é mais do que um menino mal educado.

O telegrafista obedeceu, dócil e temeroso. Todo o corpo tremia de febre. Ao cair, tinha sujado a

roupa.

— E o que tem a ver sua namorada com isso?

Nisto, chegou o comissário Girard.

— O juiz está de acordo — disse — Concede a liberdade aos três, mas não podem sair de Fécamp. Que aconteceu?

— Este imbecil tentou matar-se. Se me permite, me ocuparei dele.

Caminhavam os dois, ao longo do cais. Anda que Le Clinche houvesse molhado o rosto com água fresca, ainda restavam algumas manchas vermelhas. Tinha os olhos febris e os lábios incendiados. Vestia um traje cinza de confecção, sem nenhuma preocupação com a elegância e havia abotoado três botões. Tinha a gravata mal arranjada.

Maigret, com as mãos no bolso, avançava com ar obstinado, murmurando para si mesmo:

— Deve compreender que não tenho tempo de fazer-lhe sermões. Só lhe direi uma coisa: sua namorada está aqui. É uma boa moça, veio expressamente de Quimper e removeu céus e terra para ajudá-lo. Talvez seja melhor não desesperaná-la.

— Sabe do...

— Seria inútil falar-lhe dessa mulher.

Maigret não parava de observá-lo. Chegaram ao cais. As cores vivas dos barcos de pesca reluziam debaixo do sol. As calçadas estavam animadas.

Às vezes, Le Clinche parecia recuperar o gosto pela vida e contemplava o panorama com esperança; outras vezes, suas pupilas se endureciam e olhavam com rancor para as pessoas.

Teriam que passar muito perto do Océan; hoje acabaria a descarga, e diante do pescueiro restavam três vagões. Sem insistir demais, o comissário murmurou, mostrando alguns pontos no espaço:

— Você estava ali. Gasto Buzier aqui. E aqui, neste lugar, um terceiro homem estrangulou o capitão.

Seu companheiro respirou profundamente e virou a cabeça para o outro lado.

— Mas estava muito escuro e vocês não podiam reconhecer-se. Em qualquer caso, o terceiro não era o chefe das máquinas nem o segundo oficial, porque os dois se achavam com os outros homens no Rendez-Vous des Terres-Neuves.

O bretão, na coberta, descobriu o telegrafista e apareceu na escotilha, de onde saíram três marinheiros para ver Le Clinche.

— Bom, vamo-nos. — disse Maigret. — Marie Léonnec nos espera.

— Não posso.

— O que é que não pode?

— Ir lá. Eu lhe suplico. Deixe-me. Que pode importar a você que eu me mate? Ainda mais, se isso é o melhor para todo mundo?

-Tão terrível assim é o segredo, Le Clinche?

O outro se calou.

— E realmente, não pode dizer nada, não é verdade? Sim! Pode me dizer uma coisa. Continua gostando de Adèle?

— Eu a detesto.

— Não quis dizer isto. Eu disse desejar, como desejou por toda a viagem. Estamos entre homens. Teve muitas aventuras antes de conhecer Marie Léonnec?

— Não. Coisas sem importância.

— E jamais sentiu paixão, o desejo por uma mulher até o ponto de chorar por ela.

— Jamais — suspirou desviando o olhar.

— Tudo aconteceu a bordo; o ambiente rude e monótono, só havia uma mulher, carne perfumada em um pesqueiro fedendo a peixe. Que diz a isso?

— Nada.

— Esqueceu sua namorada?

— Não é a mesma coisa.

Maigret o olhou no rosto e ficou estupefato diante da mudança que acabava de ocorrer com o companheiro; agora mostrava as sobrancelhas unidas, um olhar fixo e uma expressão amarga na boca. E, entretanto, não havia desaparecido de seu rosto a nostalgia e o sonho.

— Marie Léonnec é bonita — prosseguiu Maigret, de cara feia.

— Sim.

— E muito mais distinta do que Adéle. Além disso, ela o ama. Está disposta a fazer qualquer sacrifício por você.

— Cale-se de uma vez. — gritou o telegrafista. — Você sabe perfeitamente que...

-... que é outra coisa! Que Marie Léonnec é uma boa moça, que será uma esposa modelo, que cuidará bem dos seus filhos, mas a que... a quem sempre faltará alguma coisa, não é verdade? Algo mais violento. Algo que você conheceu a bordo e que se achava escondido no camarote do capitão. Nos braços de Adéle, sentiu que o medo lhe estreitava um pouco a garganta. Faltará algo vulgar, brutal. A aventura, e o desejo de morder, de fazer um gesto definitivo, de matar ou morrer.

Le Clinche o olhou, assombrado.

— Como sa...?

— Como sei? Porque todos tem passado por esta aventura pelo menos uma vez na vida. Chora— se, grita-se, brama-se. Depois, só quinze dias depois, ao olhar Marie Léonnec, um homem se pergunta como pôde se deixar comover com uma Adéle.

Enquanto caminhava, o jovem contemplava a água espumante da doca. Nela, se prolongava o reflexo das linhas brancas, vermelhas ou verdes dos barcos.

— A viagem terminou. Adéle se foi. Sua namorada está aqui. — Depois de uns instantes de silêncio, Maigret continuou: — A crise foi dramática, um homem morreu; o objeto da paixão estava a bordo e...

A febre se apoderou de novo de Le Clinche.

— Cale-se! Cale-se! — repetiu secamente. — Não vê que isso não é possível? — Tinha o olhar perdido. Voltou-se para olhar o pesqueiro, que agora, quase vazio, se levantava como um monstro sobre a água. Ao jovem invadiam, novamente, os terrores. Juro... Tem que deixar-me.

— Também o capitão esteve angustiado durante toda a viagem, não é assim?

— Que quer dizer?

— O chefe das máquinas?

— Não...

— Só estavam vocês dois! Teve medo, Le Clinche?

— Não sei. Deixe-me, por favor!

— Adéle estava no camarote. Três homens se moviam ao seu redor. Entretanto, o capitão não queria ceder aos desejos da amante, passava dias e dias sem falar com ela. E você, você a olhava através da escotilha, mas depois do primeiro encontro, não voltou a tocá-la.

— Cale-se!

— Os homens, tanto nas roupas de baixo, como nos beliches, falaram de maldições, e a expedição ia de mal a pior: manobras erradas e acidentes, um grumete afogado, dois homens feridos, o bacalhau estragado e a entrada errada no porto.

Chegaram ao fim do cais; diante deles se estendia a praia com seu dique limpíssimo, seus hotéis, as casinhas de banho e as espreguiçadeiras multicoloridas sobre os seixos. Ali, ao sol, via-se Madame Maigret, sentada em uma cadeira de lona, ao lado de Marie Léonnec, que usava um chapéu branco.

Le Clinche seguiu o olhar do companheiro e, bruscamente, com as têmporas úmidas, se deteve. O comissário prosseguiu:

— Uma mulher não pode provocar tudo isso. Vamos, sua namorada já o viu.

Era verdade. Ela se levantou. Permaneceu um momento imóvel, como se a emoção fosse excessivamente forte. E agora, corria ao longo do dique. Madame Maigret largou seu trabalho e esperou.

7 Em família

Foi uma dessas situações que se criam por si só e das quais é difícil escapar. Marie Léonnec, sozinha em Fécamp, apresentada a Maigret por um amigo comum, comia com eles. Mas agora, havia aparecido o namorado. Os quatro estavam na praia quando a campainha do hotel anunciou o almoço. Ao ouvi-la, Pierre Le Clinche ficou em dúvida, com certo mal estar.

— Vamos, pedirei que ponham outro talher — disse Maigret.

E tomou o braço da mulher para cruzar o dique. A dupla de jovens os seguiu em silêncio.

— Tu sabes o que ela disse? — perguntou o comissário à sua mulher.

— Sim. Esta manhã me repetiu dez vezes para saber se estava certa. Disse que não lhe guarda o menor rancor “seja o que for que tiver acontecido”. Entendes? Não fala de uma mulher. Finge não estar sabendo disso, mas me afirmou que insistiria nas palavras “seja o que for que tiver acontecido”! Pobre moça! Iria buscá-lo ao fim do mundo.

— Desgraçadamente — suspirou Maigret.

— Que queres dizer?

— Nada. É nossa mesa?

O almoço foi tranquilo, excessivamente tranquilo. Todas as mesas estavam tão juntas que só se podia falar em voz alta. Maigret, para não intimidar Le Clinche, procurava não olhar para ele, mas a atitude do telegrafista não deixava de inquietá-lo; também a Marie Léonnec, que tinha o rosto completamente contraído. Esta atitude a transtornava.

O jovem seguia taciturno e entristecido. Comia. Bebia. Respondia às perguntas. Mas sua cabeça estava em outra parte. Mais de uma vez, ao ouvir passos atrás dele, sobressaltou-se como se temesse um perigo.

As janelas da sala de jantar estavam abertas de par em par e via-se o mar salpicado de sol. Fazia calor. Às vezes, Le Clinche, de costas para a paisagem, voltava-se bruscamente, com um gesto nervoso, com para interrogar o horizonte.

Madame Maigret levava todo o peso da conversação; dirigia-se quase sempre à jovem e falava de banalidades para evitar o silêncio. O ambiente que os rodeava não tinha nada de dramático: cenário de hotel familiar, ruído tranquilizador de pratos e copos, meia garrafa de vinho na mesa e uma garrafa de água mineral. Para cúmulo, o gerente se confundiu e, na sobremesa, aproximou-se a perguntar-lhes:

— Quer que preparem um quarto para o senhor?

Olhava para Le Clinche, tinham jeito de namorados. E, sem dúvida, tomava os Maigret pelos pais da moça. O telegrafista repetiu duas ou três vezes o mesmo gesto que Maigret lhe havia visto fazer pela manhã, durante a acareação. Um rápido movimento da mão para a frente. Um gesto muito lânguido e muito cansado.

— Que faremos?

Os comensais se dispersavam, mas os quatro continuavam de pé no terraço.

— E se fôssemos sentar ao sol por um momento?

As poltronas continuavam ali, sobre os seixos da praia. Os Maigret se instalara.

— Gostaria de caminhar um pouco? — atreveu-se a propor finalmente Marie Léonnec ao jovem, dirigindo um vago sorriso à Madame Maigret.

Uma vez sozinho com a esposa, o comissário acendeu o cachimbo e murmurou:

— Desde já, pareço um sogro...

— Não sabem o que fazer. Sua situação é delicada — comentou a esposa, que os seguia com os olhos. — Estão muito nervosos, temos que olhar por eles. Talvez me engane, mas acho que Marie tem mais caráter do que o namorado.

Realmente, dava arrepios ver o rapaz passeando sua silhueta fraca, com o passo indolente, sem preocupar-se com a companheira e sem dizer nada. E se notava que ela colocava toda sua força de vontade, que falava para animá-lo, que tentava, inclusive, mostrar-se alegre.

Havia outros grupos na praia, mas Le Clinche era o único que não usava calça branca. Vestia um traje de cidade, e isso o fazia mais triste ainda.

— Que idade tem — perguntou Madame Maigret.

Seu marido, sentado na cadeira e com os olhos baixos, respondeu:

— Dezenove anos, um menino. Temo que seja só carne para canhão.

— Por quê? Não é inocente?

— Provavelmente, não matou o capitão. Não foi ele. Poria a minha mão no fogo. Mas temo que, de qualquer modo, está perdido. Olhe para ele! Olha para ela!

— Bah! Quando os deixarem a sós um momento, começarão a beijar-se.

— Talvez — Maigret era pessimista. — Ela é algo maior do que ele. Quer muito ficar com ele, está disposta a converter-se numa excelente esposa.

— Por que tu acreditas que... ? -... que isso não ocorrerá? Intuição. Já viste fotos de pessoas que morreram jovens? Sempre me surpreendi o fato de que estas fotografias, feitas quando as pessoas gozavam de boa saúde, tem já algo lúgubre. É como se eles que estão destinadas a serem vítimas de um drama levassem a condenação escrita no rosto.

— E te parece que este moço...?

— É um desgraçado, e sempre tem sido isso, um desgraçado! Nasceu pobre. Sofreu por sua pobreza. Matou-se de trabalhar, com obstinação, como se nadasse contra a corrente. Consegui comprometer-se com uma jovem encantadora, de uma condição social superior a sua. Pois bem, algo não funciona. Olha-os como se debatem. Gostariam de ser otimistas, tentam acreditar no futuro.

Maigret falava suavemente, com voz surda, seguindo com o olhar as duas silhuetas que se recortavam sobre o mar cintilante.

— Quem dirige oficialmente a investigação?

— Girard, um comissário da brigada de Le Havre que tu não conheces. Um homem inteligente.

— Ele acredita que o menino é culpado?

— Não. De todo modo, não há nenhuma prova, nem sequer uma presunção séria.

— E tu, o que achas?

— Acho que foi uma expedição trágica, ao menos para dois homens. Tão trágica que, na volta, o capitão Fallut não pôde viver, e o telegrafista já não pode recuperar a normalidade de sua existência.

— Por causa de uma mulher?

Não respondeu diretamente. E prosseguiu:

— Todos os demais, os que estavam à margem do drama, inclusive os foguistas, ficaram marcados, ainda que eles não saibam. Voltaram esquivos e preocupados. Ao longo de três meses, dois homens e uma mulher andaram ao redor de um camarote. E isso, uns poucos tabiques pretos furados por escotilhas, foi o suficiente.

— Raras vezes te vi tão impressionado com um caso. Falas de três pessoas. Que teriam feito elas no meio do oceano?

— Sim, o que poderiam ter feito? Alguma coisa que bastou para matar o capitão Fallut. E segue bastando para deixar desamparados esses dois, que parecem procurar entre as pedras os restos dos seus

sonhos.

O casal se aproximava, com os braços caídos ao longo do corpo, sem saber se a cortesia lhes ordenava unir-se a Maigret ou se a discricção aconselhava a afastarem-se dele. No curso de seu passeio, Marie Léonnec havia perdido boa parte de seu otimismo. Dirigiu a Madame Maigret um olhar desconsolado. Adivinhava-se que todas as suas intenções e energia haviam se chocado com um muro de desespero e inércia.

Madame Maigret tinha o costume de lanchar. E, as quatro da tarde, os quatro se instalaram no terraço do hotel, debaixo dos guardas— sol listrados que davam à atmosfera um toque de alegria convencional.

O chocolate fumegava em duas taças. Maigret pediu uma cerveja e Le Clinche, um conhaque com água. Falavam de Jorissen, o professor de Quimper que havia chamado Maigret para ajudar o telegrafista e que havia acompanhado Marie Léonnec à Fécamp. Trocavam freses triviais.

— É o melhor homem que conheço.

Davam voltas sobre esse tema, sem convicção alguma, só porque era preciso falar. De repente, os olhos de Maigret se detiveram em uma dupla que avançava pelo dique e pestanejou. Eram Adéle e Gaston Buzier; ele, deselegante, com as mãos nos bolsos e o chapéu de palha jogado para trás, caminhava com passo negligente, e ela, animada e provocativa, se comportava como de costume.

“Tomara que não nos vejam!”, desejou o comissário. Nesse preciso instante, o olhar de Adéle cruzou com o seu. A jovem se deteve e disse alguma coisa ao companheiro, que tentava dissuadi-la. Tarde demais! Ela já havia cruzado a rua. Contemplou, uma depois da outra, as mesas do terraço, escolheu a mais próxima de Maigret e se instalou de forma que Marie Léonnec ficasse de frente para ela.

O amante a seguiu encolhendo os ombros; tocou na aba do chapéu ao passar diante do comissário e sentou-se a cavalo sobre uma cadeira.

— Que vais tomar?

— Não tomarei chocolate! Um kummel!

Não era uma declaração de guerra? Enquanto falava do chocolate fixou os olhos na taça da jovem e Maigret viu como Marie Léonnec estremecia. Ela jamais havia visto Adéle. Mas, teria se dado conta de que a tinha muito perto? Maigret olhou para Le Clinche, mas este virou a cabeça.

O pé de Madame Maigret tocou duas vezes o do marido.

— E se fôssemos os quatro ao cassino?

Ela também adivinhara. Mas ninguém responde à sua pergunta. Adéle, na mesa ao lado, era a única que falava.

— Que calor! — se queixava. — Segura um momento o meu casaco, Gaston.

Tirou o casaco do traje, mostrando uma blusa de seda rosa que deixava a descoberto as carnes luxuriosas e os braços. Suas pupilas não se afastavam um instante da jovem.

— Gostas de cinza? Não achas que devia ser proibido usar cores tristes nas praias?

Que idiotice! Marie Léonnec usava cinza. A outra mostrava seu desejo de atacar, da maneira que fosse e o quanto antes.

— Garçom, o que espera?

Tinha a voz aguda. Exagerava de propósito sua vulgaridade.

Gaston Buzier, que conhecia a amante, sentia o cheiro do perigo. Sussurrou algumas palavras. Mas ela, em voz muito alta, replicou:

— O quê? Por acaso o terraço não é de todo mundo?

Madame Maigret era a única que estava de costas. Maigret e o telegrafista estavam de lado, e Marie Léonnec, de frente.

— Todos somos iguais, não? Mas há pessoas que se arrastam aos teus pés quando ninguém pode vê-las e que nem sequer te cumprimentam quando estão acompanhadas.

E riu. Um riso desagradável. Olhava para a jovem que estava púrpura.

— Quanto lhe devo, garçom? — perguntou Buzier, desejando acabar quanto antes com a cena.

— Mas se temos tempo! Sirva-me outro copo do mesmo, garçom. E traga-me alguns amendoins.

— Não temos.

— Pois vá comprá-los. Para isso lhe pagam, não?

Havia outras mesas ocupadas. Todos os olhares convergiam para a dupla, que não podia passar despercebida. Maigret, preocupado, temendo que a cena acabasse mal, queria acabar com aquilo. Por outro lado, tinha o telegrafista diante de si, palpitante debaixo do seu olhar.

Era apaixonante como uma dissecação. Le Clinche não se movia. Não se voltara para Adéle, mas devia vê-la confusamente, à sua esquerda, ao menos, a mancha rosa da blusa. Mantinha fixas as pupilas, de um cinza apagado. E uma mão, colocada sobre a mesa, ia se fechando lentamente, tão lentamente como os tentáculos de um animal marinho. Nada se podia prever. Ia se levantar e fugir? Ia precipitar-se sobre a mulher que não parava de falar? Ia...?

Não, nada disso. Acontecia algo diferente, cem vezes mais impressionante. Não só se fechava sua mão. Todo o seu ser se encolhia. Dobrava-se sobre si mesmo. Seus olhos tornaram-se do mesmo cinza da pele. Não se mexia. Parecia, inclusive, não respirar. Nem um estremeamento, nem uma crisão. Só essa imobilidade cada vez mais absoluta e indescritível.

— Isso me recorda outro amante que tive. O homem era casado e tinha três filhos.

Marie Léonnec, que respirava agitadamente, bebeu o chocolate de um gole, para dissimular.

— Era o homem mais apaixonado da Terra. Às vezes, quando eu me negava a recebê-lo, ele soluçava no patamar, tanto que os outros inquilinos ficavam muito nervosos. “Minha pequena Adéle, minha menina adorada”, dizia e recitava toda uma litania. Um domingo o encontrei passeando com a esposa e os filhos. Ouvi que sua esposa lhe perguntava: “Quem será essa mulher?” E ele respondeu muito sério: “Sem dúvida, uma qualquer! Basta ver esse vestido ridículo”, — Ela ria ostensivamente, sem deixar de espiar o efeito de sua atitude sobre os rostos. — De qualquer forma, há pessoas que não estão muito bem dos nervos.

Seu companheiro, falando em voz baixa, tentou fazê-la calar de novo.

— Cala-te! Tens medo? Eu pago o que bebo, não é verdade? E não faço mal a ninguém. Então, ninguém pode dizer-me nada. E os amendoins, garçom? Traga-me outro kummel.

— E se fôssemos embora? — disse Madame Maigret.

Era muito tarde. Se fossem embora, Adéle, incontrolável, teria qualquer coisa para provocar um escândalo. Marie Léonnec, com as orelhas avermelhadas, os olhos brilhantes e a boca entreaberta pela angústia, olhava fixamente para a mesa. Le Clinche, por sua vez, havia fechados os olhos. E seguia ali, sem ver nada, com as feições imóveis. Sua mão seguia sobre a mesa, inerte.

Até esse momento, Maigret não tivera ocasião de observá-lo com tanto detalhe. O rosto era ao mesmo tempo muito jovem e muito velho, como costuma acontecer com os adolescentes que viveram uma infância infeliz.

Le Clinche era alto, mais alto do que a média, mas seus ombros não eram ainda de um homem. A pele, muito pouco cuidada, estava salpicada de sardas. Naquele dia, não havia se barbeado, e os pelos lançavam reflexos vermelhos no queixo e nas bochechas. Não era atrativo. Não parecia ter rido muitas vezes em sua vida. Pelo contrário, havia dormido pouco, lido muito e escrito abundantemente, em quartos frios, em camarotes sacudidos pelo mar e à luz de lâmpadas mortíferas.

— A mim, no fundo, o que me repugna, é ver que as pessoas que se dizem honradas, não valem

mais do que nós. — Começava a impacientar-se. Estava disposta a dizer o que fosse para conseguir seus fins. — Por exemplo, essas jovens que se fazem de bobas e que depois perseguem um homem como nenhuma prostituta se atreveria a fazer.

O dono do hotel, do umbral, interrogava aos clientes com o olhar, como se perguntando se deveria intervir.

Maigret só via Le Clinche, e em primeiro plano. A cabeça havia se inclinado um pouco para frente. Os olhos continuavam fechados. Mas as lágrimas brotavam sem parar de suas pálpebras, abriam caminho entre as pestanas, pareciam titubear um instante e logo deslizavam em zigue-zague pelas bochechas. Não era a primeira vez que o comissário via um homem chorar, mas era a primeira vez que via um homem pressionado a esse ponto, talvez por causa do silêncio e da imobilidade de todo o corpo. A única coisa viva no telegrafista eram essas pérolas fluidas. O resto estava morto.

Marie Léonnec não havia se dado conta. Adéle pretendia continuar falando.

Com um segundo de atraso, Maigret intuiu o que ia acontecer. A mão apoiada na mesa relaxou de maneira imperceptível, enquanto a outra continuava no bolso. As pálpebras se abriram apenas um milímetro, o necessário para deixar filtrar um vislumbre do olhar. E o olhar buscava Marie. No mesmo instante em que o comissário se levantou, soou um disparo; e todo mundo se levantou a um tempo, produzindo um estrondo de gritos e cadeiras caídas.

Le Clinche não caiu de imediato. Seu busto se inclinou sensivelmente para a esquerda e sua boca se abriu com um leve estertor. Marie Léonnec, que demorou para compreender o que tinha acontecido, porque não viu a arma, atirou-se sobre ele, abraçando-lhe os joelhos e virou-se, assustada.

— Comissário! O que aconteceu?

Só Maigret tinha adivinhado tudo. Le Clinche tinha um revólver no bolso, um revólver que encontrou sabe Deus aonde, porque não o tinha pela manhã, quando saiu da cadeia. E tinha disparado do bolso! Enquanto Adéle falava, enquanto fechava os olhos, enquanto esperava, enquanto talvez vacilava, havia acariciado longos minutos a culatra do revólver. O projétil deve ter alcançado o ventre ou as costas. O casaco estava chamuscado e rasgado na altura do quadril.

— Um médico! A polícia! — gritavam em algum lugar.

Um médico que se achava na praia, a cem metros do hotel, acudiu em traje de banho. No momento em que Le Clinche ia cair, o seguraram. Levaram-no para a sala de jantar. Marie, enlouquecida, seguia o cortejo.

Maigret não tinha tido tempo de ocupar-se de Adéle e de seu amante. Mas, ao entrar no café, descobriu a mulher, lívida, bebendo de um enorme copo, contra o qual batiam os dentes. Havia se servido ela mesma. Ainda tinha a garrafa na mão. Serviu-se pela segunda vez.

O comissário deixou de inquietar-se, mas ficou a imagem gravada de seu rosto pálido, que contrastava com a blusa rosa, e, sobretudo, com os dentes repicando no vidro. Não viu Gaston Buzier. Fecharam a porta da sala de jantar.

— Não fiquem aqui — disse o dono aos clientes. — Acalmem-se. O médico pediu que não façam muito barulho.

Maigret empurrou a porta e viu o médico abaixado. Madame Maigret segurava a jovem, que tentava correr até o ferido.

— Polícia — sussurrou o comissário ao médico.

— Poderia fazer sair estas senhoras? Tenho que tirar-lhe a roupa e...

— Sim.

— Preciso da ajuda de duas pessoas. E alguém deveria telefonar pedindo uma ambulância. Seguia em traje de banho.

— É grave?

— Não posso dizer nada sem antes examinar a ferida. Como pode compreender...

Sim! Maigret compreendeu ao ver aquela coisa atroz, onde a carne se confundia com o tecido da roupa.

As mesas estavam preparadas para a janta. Madame Maigret saiu arrastando Marie Léonnec. Um jovem com calça de algodão ofereceu-se, timidamente:

— Permite que eu ajude? Sou estudante de Farmácia.

Um raio de sol oblíquo, muito vermelho, entrava por um vidro; era tão deslumbrante que Maigret correu para fechar a janela.

— Pode levantar-lhe as pernas?

Lembrou que, nesta mesma tarde, havia dito à esposa, preguiçosamente instalada na espreguiçadeira, seguindo com o olhar a silhueta desajeitada que, ao lado da silhueta menor e vivaz de Marie Léonnec, caminhava pela praia: “É carne de canhão”.

O capitão Fallut tinha morrido ao chegar. Por sua vez, Pierre Le Clinche havia se debatido longo tempo, tenazmente; talvez ainda se debatia quando tinha os olhos fechados, com uma mão sobre a mesa e a outra no bolso, enquanto Adèle falava e falava.

8 O marinheiro bêbado

Era quase meia noite quando Maigret abandonou o hospital. Tinha esperado para ver a maca sair da sala de cirurgia, carregada com uma grande forma branca. O cirurgião lavava as mãos.

— Tentaremos salvá-lo — responderam ao comissário — Tem o intestino perfurado em sete lugares. Uma ferida muito feia! Colocamos um pouco de ordem nisso tudo. — E mostrava as cubas cheias de sangue, algodão e desinfetantes.

— Juro que foi um trabalho de artesanato.

Todos, médicos, ajudantes e enfermeiras, estavam de excelente humor. Tinham trazido um ferido em péssimo estado, sujo, com o ventre aberto, queimado, com pedaços da roupa incrustados na carne, e a maca acabava de levar um corpo limpíssimo. O ventre estava cuidadosamente costurado. O resto ficava para depois. Talvez Le Clinche recuperasse a consciência, talvez não. No hospital, não se importavam em saber quem era.

— Tem alguma probabilidade de sair com vida?

— Por que não. Na guerra, vê-se coisas piores.

Maigret, depois de telefonar imediatamente ao Hotel de la Plage para tranquilizar a Marie Léonnec, decidiu sair dali. A porta do hospital se fechou às suas costas com um ruído de máquina bem engraxada. Era noite; a rua, cheia de casinhas burguesas, estava deserta.

Ainda não tinha dado dez passos quando uma figura se separou da parede; a luz de um farol iluminou o rosto de Adèle.

— Está morto? — perguntou com voz tímida.

Sem dúvida, tinha esperado durante horas. Tinha o rosto descomposto e os cachos que caíam sobre as têmporas haviam perdido as curvas.

— Ainda não — respondeu Maigret, no mesmo tom.

— Morrerá?

— Pode ser que sim, pode ser que não.

— Acredita que o fez intencionalmente?

— Eu não acredito em nada, em absoluto.

— Se acredita que fez de propósito, devo dizer-lhe que não é certo.

O comissário se deteve. Ela o seguia, e para isso, tinha que andar muito depressa.

— Reconheça que, no fundo, toda a culpa é desse rapaz.

Maigret fingia não escutá-la, mas ela continuou muito teimosa:

— Sabe muito bem o que quero dizer. Quando estávamos a bordo, faltou pouco para falar-me de casamento. Mas uma vez em terra... — Não se desanimava. Parecia impelida por uma necessidade imperiosa de falar. — Se acredita que sou uma mulher má, não me conhece. Só que há momentos... Escute, senhor comissário, tem que dizer-me a verdade. Eu sei o que é uma bala, sobretudo, à queima-roupa, no ventre. Fizeram um laparotomia, não é verdade? — Notava-se que havia passado por hospitais, ouvira falar os médicos, e frequentado pessoas que haviam recebido mais de um disparo de revólver. — Foi bem a operação? Ouvi dizer que, nestes casos, depende dos alimentos da última refeição. — Não sentia uma violenta angústia, era mais uma áspera obstinação que desanimava diante de nada. — Não quer responder-me? Entretanto, você entendeu perfeitamente porque estava tão furiosa há algum tempo: Gaston é um vagabundo, nunca o quis, entretanto, o outro...

— É possível que saia com vida! — exclamou Maigret, olhando a jovem nos olhos. — Mas se não se esclarece o drama do Océan, não lhe servirá de muito recuperar-se — completou esperando uma palavra dela, um estremecimento.

Adèle baixou a cabeça.

— Claro, como fui amante dos dois homens, você acredita que sei alguma coisa. Mas juro... Ah! Você não conhecia o capitão Fallut, e não pode entendê-lo. Estava muito apaixonado, vinha ver-me em Le Havre e, na sua idade, uma paixão como essa o transtornou. Entretanto, seguiu sendo um homem minucioso em tudo, muito dono de si mesmo, um maníaco da ordem. Ainda me pergunto como lhe ocorreu a ideia de esconder-me a bordo. Porém, apenas soltamos âncoras e arrependeu-se de sua decisão. E, quanto mais arrependido se sentia, mais me detestava. Seu caráter mudou imediatamente.

— E isso, apesar de o telegrafista ainda não a ter visto?

— Não! Já lhe disse que não o vi até a quarta noite.

— Tem certeza de que Fallut estava estranho antes disso?

— Talvez um pouco menos estranho. Depois, chegou a extremos inauditos, tanto que me perguntava se não havia ficado louco.

— E não tinha a menor ideia da razão dessa atitude?

— Não. Já pensei nisso. Às vezes, me dizia que havia um segredo entre ele e o telegrafista, e cheguei, inclusive, a pensar que faziam contrabando. Ah! Não voltariam a convencer-me a embarcar num pesqueiro. Pensar que a travessia durou três meses... E tudo para acabar como acabou. A um mataram na chegada, a outro... — Diga-me, é verdade que não morreu?

Chegaram ao cais e a jovem ficou em dúvida sobre continuar.

— Onde está Gaston Buzier?

— No hotel. Sabe muito bem que não é o momento de armar comigo, porque o abandonaria à menor tolice.

— Voltou com ele?

Ela encolheu os ombros como que dizendo: “Por que não?”

Entretanto, teve um ataque de coqueteria. Quando ia separar-se de Maigret, murmurou com um sorriso endurecido:

— Agradeço, senhor comissário. Foi muito bom comigo. Eu...

Não se atreveu a chegar ao final. Era um convite, uma promessa.

— Está bem! Está bem! — murmurou ele, afastando-se. E empurrou a porta do Rendez-Vous des Terres-Neuves.

No instante em que sua mão encostou na maçaneta da porta, ouviu claramente um rumor dentro do café, como se falassem de uma só vez uma dúzia de homens. Uma vez aberta a porta, de repente, se produziu o silêncio mais absoluto. Entretanto, havia mais de dez homens no local, em dois ou três grupos, que até esse momento, discutiam numa mesa ou outra.

O dono, um tanto incomodado, colocou-se na frente de Maigret e apertou-lhe a mão.

— É verdade o que dizem? Le Clinche se deu um tiro?

Os clientes, para fazer alguma coisa, bebiam. Viu P'tit Louis, o negro, o bretão, o chefe das máquinas do pesqueiro e outros que já conhecia de vista.

— Sim! — exclamou Maigret.

E observou que o chefe das máquinas se mexia, incômodo de repente, em seu banco.

— Que viagem! — grunhiu alguém em um canto, com um acento normando pronunciado.

Estas palavras deviam traduzir bastante bem a opinião geral, porque as cabeças se abaixaram e um punho golpeou uma mesa de mármore enquanto afirmava:

— Um desastre de viagem, isso sim!

Leon tossiu para devolver aos clientes a prudência e indicou um marinheiro com um jaquetão vermelho, que bebia sozinho num canto. Maigret foi sentar-se ao lado do balcão e pediu um conhaque com água. Ninguém falava. Cada um procurava uma coisa para fazer. Leon, como um hábil diretor de cena, propôs ao grupo mais numeroso:

— Querem um dominó?

Era uma maneira de fazer ruído e ter as mãos ocupadas. Misturaram as peças de dorso negro sobre o mármore da mesa. O dono juntou-se ao comissário.

— Fiz com que se calassem — sussurrou — porque o tipo que está sentado no canto perto da janela é o pai do menino. Entende?

— Que menino?

— O grumete, Jean-Marie, que caiu da borda no terceiro dia.

O homem permanecia atento e, ainda que não entendesse o que diziam, sabia que falavam dele. Apontou para a garçonete que lhe levasse um copo e o esvaziou de um trago com uma careta de nojo. Bêbado, seus olhos fora da órbita, de azul claro tinham se tornado verdes. O tabaco que mascava deformava a bochecha esquerda.

— Também vai à Terranova?

— Ia antes. Agora tem sete filhos, e no inverno se dedica ao arenque, porque as viagens são menos demoradas: um mês a princípio, e depois, a medida que o peixe desce para o sul, cada vez menos dias.

— E no verão?

— Pesca por sua conta, coloca aparelhos e armadilhas para lagostas.

O homem estava sentado na outra ponta do banco de Maigret, mas o comissário o via por um espelho. Baixo e largo de ombros, era o típico marinheiro do norte, atarracado, bochechudo, sem muito pescoço, de pele rosada e cabelo vermelho. Como a maioria dos pescadores, tinha as mãos cheias de cicatrizes de furúnculos.

— Sempre bebe tanto?

— Na realidade, todos bebem. Mas se embebeda com mais frequência desde que o menino morreu. Voltar a ver o Océan foi um golpe duro para ele.

Agora, o homem os olhava descaradamente.

— Que quer? — tartamudeou, dirigindo-se a Maigret.

— Nada, em absoluto.

Os marinheiros, sem abandonar sua partida, acompanhavam a cena.

— Porque se quer algo, diga! Não tenho direito a beber, talvez?

— Claro que sim.

— Diga-me que não tenho direito a beber — repetiu com a obstinação de um bêbado.

O olhar do comissário se deteve sobre o bracelete negro que levava no jaquetão vermelho.

— Então, por que me olham e falam de mim?

Leon, depois de indicar a Maigret que não respondesse, dirigiu-se ao cliente.

— Vamos, não façam um escândalo, Canut. O senhor comissário não fala de ti, apenas do rapaz que se deu um tiro.

— Está bem arrumado. Está morto?

— Não. Talvez o salvem.

— Azar! Deveriam rebentar todos!

Suas palavras causaram forte impressão. Todos os rostos se voltaram para Canut. E este sentiu a necessidade de levantar a voz:

— Sim! Todos os que estão aqui.

Leon, preocupado, observava sua clientela com olhinhos suplicantes e dirigiu um gesto de impotência a Maigret.

— Vamos! Vai dormir. Tua mulher te espera.

— Dá no mesmo!

— Pensa que amanhã não terás ânimo para recolher teus aparelhos.

O bêbado soltou uma risada. P'tit Louis aproveitou para chamar Julie.

— Quanto te devo?

— As duas rodadas?

— Sim, ponha na minha conta. Amanhã, antes de sair, pegarei uma antecipação.

Quando se levantou, o bretão, que não se separava dele um centímetro, imitiu-o automaticamente. P'tit Louis levou a mão ao boné. E repetiu o gesto em direção a Maigret.

— Covardes! — grunhiu o bêbado quando os dois homens passaram diante dele. — São todos uns covardes.

O bretão esteve a ponto de responder, mas P'tit Louis o arrastou.

— Vai dormir. Além do mais, vamos fechar em seguida.

— Irei quando todo mundo for. Por acaso, sou menos do que os outros? — Procurava Maigret com os olhos. Parecia que tentava provocar uma discussão. — E esse gordo, não entende nada do que acontece? — disse, referindo-se a Maigret.

Leon estava muito nervoso. Os últimos clientes esperavam, convencidos de que ia acontecer alguma coisa.

— Pelo amor de Deus, agora tenho vontade de ir embora. Quanto devo?

Procurou debaixo do jaquetão, de onde tirou uma bolsinha de couro, atirou umas notas sujas sobre a mesa, levantou-se, cambaleou e alcançou a porta, que deu trabalho para abrir. Murmurava palavras confusas, injúrias ou ameaças. Já fora, botou a cara na janela, para olhar Maigret uma última vez, esmagando o nariz no vidro embaçado.

— Foi muito duro para ele — suspirou Leon, voltando ao seu lugar. — Jean-Marie era seu único filho homem, todos os outros são meninas, ou seja, não contam.

— Que se diz por aqui? — perguntou Maigret.

— Do telegrafista? Como não sabem nada, inventam. Histórias inverossímeis.

— Que histórias, por exemplo?

— Oh, não sei! A maldição e essas coisas.

Maigret percebeu que alguém o olhava fixamente. Era o chefe das máquinas, sentado na mesa da frente.

— Sua mulher não está com ciúme? — perguntou.

— Sim. Gostaria de me encerrar em Yport, mas amanhã embarco.

— O Océan zarpa amanhã?

— Sim, quando subir a maré. Os armadores não vão deixar que apodreça na doca.

— Encontraram capitão para o barco?

— Um afastado, faz oito anos que não navega. Mas o pior é que antes navegava um “três paus”!

Será muito engraçado.

— E o telegrafista?

— Contrataram um pirralho da escola de Artes e Ofícios, assim a chamam.

— Voltou o segundo oficial?

— Chamaram-no por télégrafo. Chegará amanhã de manhã.

— E a tripulação?

— O de sempre. Recolhem quem se arrasta pelo porto. Qualquer um serve, não é verdade?

— Encontraram um grumete?

O outro lhe lançou um olhar penetrante.

— Sim — replicou secamente.

— E está contente de zarpar?

O chefe das máquinas não respondeu e pediu outro ponche. Leon disse a meia voz:

— Acabam de receber notícias do Pacific, um pequeno pesqueiro da mesma série do Océan. Tinha que chegar essa semana, mas encalhou e foi ao fundo em menos de três minutos. Desapareceram todos os homens. Lá em cima está a mulher do segundo oficial, que chegou de Rouen para esperar o marido. Passa o dia no espigão, e a pobre ainda não sabe nada. A companhia espera a confirmação para dar a notícia.

— É pela série! — murmurou o chefe de máquinas, que havia escutado.

O negro bocejava e esfregava os olhos, mas não parecia disposto a ir embora. As peças do dominó abandonadas formavam um complicado desenho no retângulo cinza da mesa.

— Em suma — disse lentamente Maigret — ninguém sabe por que o telegrafista tentou matar-se?

Suas palavras encontraram um obstinado silêncio. Acaso todos os homens sabiam a resposta? E como podiam levar até esse ponto essa espécie de cumplicidade das gentes do mar, as que não gostam de ver como os da terra se metem em suas coisas?

— Quanto devo, Julie?

Levantou-se, pagou e alcançou pesadamente a porta. Dez olhares o seguiram. Voltou-se, mas só encontrou rostos estranhos e esquivos. O próprio Leon, apesar de toda a sua boa vontade de taberneiro, era cúmplice de seus clientes.

A maré estava baixa. Do pesqueiro, só se via a chaminé e os mastros de carga. Os vagões tinham desaparecido. O cais estava deserto. Um barco de pesca, com seu farol branco balançando na ponta do mastro, afastava-se lentamente do cais e ouvia-se a voz dos homens que falavam.

Maigret encheu um último cachimbo enquanto contemplava a cidade e as torres da Igreja dos beneditinos, ao pé das quais se levantava o edifício do hospital. As janelas do Rendez-Vous des Terres-Neuves furavam o cais com retângulos luminosos. O mar estava tranquilo. Só se escutava o débil murmúrio da água lambendo os seixos e os pilares do quebra-mar. O comissário se encontrava nos

limites do cais. As grossas amarras que prendiam o Océan estavam enroladas ao redor dos cabeçotes de bronze. Aproximou-se. Alguns homens fechavam as guarnições das escotilhas do porão onde, durante o dia, armazenavam o sal. Um adolescente, mais jovem ainda do que Le Clinche e sem uniforme, olhava o trabalho dos marinheiros, encostado no camarote do telegrafista.

Devia ser o sucessor daquele que há pouco disparara uma bala na barriga. Fumava um cigarro em pequenas tragadas nervosas. Chegava de Paris, da Escola Naval. Estava emocionado. Talvez imaginasse fantásticas aventuras.

Maigret não conseguia ir embora. Era retido pela sensação de que a solução do mistério estava muito próxima, ao seu alcance, e que com um pequeno esforço... De repente, sentiu uma presença à suas costas e se voltou. Na obscuridade, descobriu um jaquetão vermelho e um bracelete negro. O homem não o havia visto, ou talvez não lhe desse atenção. Caminhava até a extremidade do cais e era um milagre que, em seu estado, não caísse no vazio. O comissário só via as costas do homem. Tinha a impressão de que, presa da vertigem, o bêbado acabaria por atirar-se na coberta do veleiro.

Mas não aconteceu assim. Falava sozinho. Ria. Levantava o punho. Cuspiu uma vez, duas, três vezes sobre o barco. Cuspia para expressar todo seu asco. Depois, sem dúvida aliviado, afastou-se; não se dirigia à sua casa, que ficava num bairro de pescadores, na parte baixa da cidade, onde de via um tugúrio ainda iluminado.

9 Dois homens na cobertura

Perto da escarpa, uma nota soou aguda: o relógio dos beneditinos dava uma hora. Maigret caminhava até o Hotel de la Plage com as mãos nas costas; mas à medida que avançava, seu passo se fazia mais lento e acabou por deter-se no meio do cais. Na frente estava o hotel, seu quarto, sua cama, uma perspectiva aprazível e tranquilizadora.

Atrás... Deu volta. Tornou a ver a chaminé do pesqueiro, que começava a fumacear, lentamente porque haviam acendido as caldeiras. Os habitantes de Fécamp dormiam. Uma lua grande refletia-se na doca. Uma brisa procedente do mar, quase gelada, se levantou como um alento marítimo.

Então Maigret, pesadamente e de má vontade, deu meia volta. Passou por cima das amarras enroladas nos cabeçotes e ficou de pé no extremo do molhe, olhando fixamente o Océan. Os olhos diminutos, a boca ameaçadora e os punhos no fundo dos bolsos: era o Maigret solitário, insatisfeito e dobrado sobre si mesmo, tenaz e sem medo do ridículo.

A maré estava baixa. A cobertura do pesqueiro descia a quatro ou cinco metros abaixo do nível do chão, mas uma tábua unia o cais à passarela do posto de comando. Uma tábua fina e estreita.

O rumor da ressaca ficava mais alto. Devia estar começando o fluxo, e a água esbranquiçada lambia pouco a pouco os seixos da praia.

Quando Maigret avançou pela tábua, ela se dobrou por sua parte central. As solas rangeram sobre a passarela de ferro. Não foi mais longe. Deixou-se cair no banco da guarda, diante da roda do timão e da bússola de onde pendiam as grossas luvas do capitão Fallut. Parecia um desses cães que, silenciosos e obstinados, se instalam diante de uma toca onde descobriram um rastro.

Ficaram para trás a carta de Jorissen, a amizade que unia o professor com Le Clinche e as gestões de Marie Léonnec. Agora se tornara um assunto pessoal.

Maigret havia tentado recompor para si mesmo a imagem do capitão Fallut. Havia conhecido o telegrafista, Adèle e o chefe das máquinas. Havia tentado perceber a vida da totalidade do pesqueiro. E logo soube que isso não bastava, que lhe escapava alguma coisa que, ao que parece, compreendia todo o resto. Mais precisamente, o miolo do crime.

Fécamp dormia. Os marinheiros a bordo do pesqueiro tinham se deitado. O comissário descansava todo seu peso sobre o banco da guarda, com as costas dobradas, os cotovelos sobre os joelhos e estes, um tanto separados.

Aqui e ali, seu olhar captava os detalhes: as luvas enormes e deformadas, que Fallut só devia colocar durante as horas de vigília e que deixava ali quando não as utilizava. Voltando-se um pouco, via-se o castelo do tombadilho superior. De frente, via-se a cobertura inteira, o castelo de proa e, muito próximo, o camarote do telegrafista.

A água golpeava contra o casco. O pesqueiro se animava com o movimento insensível. E agora, com os fornos acesos e as caldeiras de vapor cheias de água, o barco estava mais vivo que nos dias anteriores.

Não era P'tit Louis que dormia embaixo, junto a umas pilhas de carvão?

À direita estava a lanterna; no fim de um espigão, uma luz verde, e no fim de outro, uma luz vermelha; e o mar, um enorme buraco negro que despedia um forte cheiro.

Maigret, para ser exatos, refletia. Olhando tudo lenta e pesadamente, tentava dar vida ao cenário, e senti-lo. E, pouco a pouco, isto criava nele algo como um estado febril.

“Era uma noite semelhante a esta, porém mais fria, porque começava a primavera.”

O pescueiro, amarrado no mesmo lugar. Um fio de fumaça surgindo da chaminé. Alguns homens adormecidos.

Pierre Le Clinche; em Quimper, havia jantado na casa da namorada; atmosfera familiar; Marie Léonnec deve ter ido com ele até a porta para poder beijá-lo sem testemunhas.

Havia viajado toda a noite em terceira classe. Na volta, ao fim de três meses, veria Marie de novo. Depois, embarcaria outra vez e, no inverno, pelo Natal, se casariam.

Não havia dormido. O baú metálico, na rede para bagagens, continha as provisões preparadas por sua mãe.

À mesma hora, o capitão Fallut saía da casinha da Rue d'Etretat; Madame Bernard dormia. O capitão Fallut deve ter se sentido, sem dúvida, muito nervoso, e muito preocupado, torturado de antemão pelos remorsos. Por acaso, sua caseira e ele não haviam acertado tacitamente que algum dia se casariam? Entretanto, durante todo o inverno havia ido a Le Havre, inclusive várias vezes por semana, para ver uma mulher. Uma mulher que não se atrevia a mostrar em Fécamp; uma mulher que sustentava; uma mulher jovem, bonita e desejável, mas cuja vulgaridade a fazia inquietante.

O capitão era um homem sensato, ordenado e meticoloso. Um modelo de probidade, que os armadores davam como exemplo e cujos documentos a bordo, por sua precisão, constituíam verdadeiras obras primas. Solitário, esse homem caminhava pelas ruas adormecidas até a estação; ali esperaria Adéle. Talvez ainda duvidasse.

Três meses! Se a deixasse em terra, será que a encontraria em sua volta? Talvez sua inquietude e avidez o tenham levado a enganar-se. Adéle, que diferença de Madame Bernard. Não passava o tempo arrumando a casa, dando brilho aos cobres e ao chão ou planejando futuros projetos. Não. Dessa mulher conservava na retina imagens que o faziam enrubescer e ofegar.

Ali estava, rindo com seu riso agudo, quase tão sensual quanto sua carne. A ideia de navegar lhe era atraente, permanecer a bordo escondida, de viver uma aventura. Mas, não deveria adverti-la de que a aventura não seria divertida? De que, pelo contrário, viajar três meses encerrada num camarote seria fatal?

Prometia a si mesmo que lhe diria, mas não se atrevia. Quando a tinha a seu lado e ela ria enchendo o peito, ele era incapaz de dizer nada sensato.

“Me embarcarás esta noite às escondidas?”

Os dois seguiram avançando. Nas tabernas, no Rendez-Vous des Terres-Neuves, os marinheiros se divertiam e gastavam as antecipações que haviam recebido naquela mesma tarde. E o capitão Fallut, miúdo e asseado, empalidecia à medida que se aproximava do porto, do seu barco. Ao divisar a chaminé, a garganta ficou seca. Ainda estava em tempo? Mas Adéle continuava pendurada em seu braço. Sentia seu corpo, extremamente cálido, estremecido, ao seu lado.

Maigret, de volta ao cais deserto, imaginou a dupla.

“Esse é o teu barco? Uf, como cheira mal! E tem que passar por essa tábua?”

Cruzaram. O capitão Fallut, nervoso, pediu que ficasse em silêncio.

“Com essa roda se dirige o barco?”

“Cala-te”

Pisaram a passarela de ferro e chegaram à coberta. Entraram no camarote do capitão. A porta se fechou.

“Sim, é isso!” — murmurou Maigret. “Os dois estão aqui. É a primeira noite a bordo.”

Gostaria de arrancar o véu da noite, descobrir o pálido céu da aurora e ver as silhuetas cambaleantes dos marinheiros, que, cheios de álcool, se dirigiam ao pescueiro.

O chefe das máquinas chegava de Yport no primeiro trem. O segundo oficial vinha de Paris, e Le

Clinche, de Quimper. Os homens se moviam na coberta, disputavam os beliches no castelo de proa, riam, trocavam de roupa e reapareciam cobertos com rígidos impermeáveis.

Subiu um menino, o grumete Jean-Marie; o pai o havia trazido pela mão e os marinheiros o empurravam rindo-se de suas botas muito grandes e de seus olhos a ponto de estalar em lágrimas.

Durante esse tempo, o capitão permaneceu em seu camarote. Enfim, abriu a porta, e depois a fechou cuidadosamente. Era muito fraco, muito pálido, de feições afiladas.

“Você é o telegrafista? Bem! Dentro de um momento lhe darei as instruções. Enquanto isso, vá à cabine de telegrafia.”

Passaram-se horas. O armador estava no cais. Esposas e mães continuavam trazendo pacotes para os que partiam.

Fallut tremia: devia evitar a todo custo que alguém entrasse no camarote, porque ali, Adéle semivestida e com a boca aberta, dormia atravessada na cama.

Não só Fallut sentia esse gosto ruim na boca da madrugada; também o notavam os que haviam passado a noite na taberna, e os que haviam viajado de trem. Um atrás do outro, entraram no Rendez-Vous des Terres-Neuves para tomar café com conhaque.

“Até a vista! Se é que voltaremos.”

A uma retumbante chamada da sirene, seguiram outras duas. As mulheres e as crianças, depois de um último abraço, correram para o espigão. O armador apertou a mão de Fallut. Havia soltado as amarras. O pesqueiro deslizava afastando-se do cais. O grumete, Jean-Marie, torturado pelo medo começou a chorar e esperneava porque queria voltar a terra.

Fallut estava no mesmo lugar que Maigret.

“Meia volta! Cento e cinquenta revoluções! Avante a toda!”

Seguiria Adéle dormindo? Não teria ficado nervosa ao primeiro balanço? Fallut permaneceu imóvel no lugar que ocupava há tantos anos. Na frente, tinha o mar, o Atlântico. Todos os seus nervos se crisparam ao compreender a estupidez que havia cometido. Em terra, tinha parecido menos grave.

“Dois quartos a bombordo!”

Logo se ouviram os gritos e o grupo do espigão se inclinou para frente. Um homem, empoleirado no mastro para se despedir dos parentes, havia caído na coberta!

“Pare! Atrás! Pare!”

A zona do camarote estava deserta. Estava a tempo de desembarcar a mulher? Aproximaram-se algumas lanchas. O pesqueiro se deteve entre os espigões. Um barco pedia passagem.

Porém, o homem estava ferido e tinham que levá-lo para terra. Ele desceu num bote. No espigão, as mulheres, supersticiosas, estavam alteradas. Por pouco, tiveram que impedir o grumete de se atirar na água porque não queria zarpar.

“Meu amor,

“Às oito da manhã! Zarpamos. Já não se vê a cidade e...”

Maigret acendeu o cachimbo e levantou-se para ver melhor tudo o que o rodeava. Ele, em posse de todos os personagens, fazia com que se movessem pelo barco que dominava com o olhar.

“Primeiro almoço no estreito camarote reservado aos oficiais: Fallut, o segundo oficial, o chefe das máquinas e o telegrafista. O capitão anunciava que de agora em diante comeria só em seu próprio camarote.”

Algo nunca visto! Uma ideia extravagante! Todos buscam uma explicação em vão.

Maigret, com a frente apoiada na mão, resmungava:

“O grumete é o encarregado de levar comida ao capitão. Este se limita a entreabrir a porta, ou a esconder Adéle debaixo da cama levantada.”

Os dois tem que comer só uma porção. A primeira vez, a mulher ri. E Fallut, sem dúvida, lhe dá quase toda a sua parte.

O capitão é demasiado sério, ela caçoa. Faz-lhe mimos; ele cede e sorri.

Talvez no castelo de proa, comecem a falar da maldição. Talvez comentem a decisão do capitão de come sozinho. Por outro lado, jamais viram um capitão que anda com a chave do camarote no bolso.

As duas hélices giram. O pescueiro adquiriu a trepidação que o animará pelos próximos três meses.

Embaixo, homens como P'tit Louis colocam pazadas de carvão na goela das caldeiras durante oito ou dez horas diárias, ou vigiam, meio adormecidos, a pressão do óleo.

“Em três dias, segundo a opinião geral, em apenas três dias, a preocupação se estendeu por todo barco. E desde esse momento, os homens se perguntam se Fallut está louco.”

Por que? Por ciúme? Entretanto, Adéle declarou que não viu Le Clinche até o terceiro dia. Até esse dia, estava muito preocupado com seus novos aparelhos. Capta mensagens para seu prazer pessoal. Faz testes de transmissão. E, com os fones nos ouvidos, escreve páginas e páginas, como se o correio pudesse fazê-las chegar imediatamente à namorada.

Três dias. A tripulação quase não teve tempo de conhecer-se. Talvez o chefe das máquinas olhasse pela escotilha e descobrira a jovem. Não obstante, em seu regresso, não disse nada!

A bordo, a atmosfera de inquietude foi se instalando, paulatinamente, a medida que os homens, compartilhando as mesmas experiências, se aproximaram uns dos outros. E ainda não tinham vivido aventura nenhuma! Nem sequer tinham começado a pescar! Tiveram que esperar chegar ao Grande Banco, em Terranova, do outro lado do Atlântico, a que demoraram pelo menos dez dias para chegar.

Maigret estava de pé na passarela do posto de comando; e se nesse momento um marinheiro tivesse despertado, se teria perguntado o que fazia ali, enorme e solitário, olhando lentamente ao redor.

Que fazia? Tentava compreender. Cada um dos personagens, com sua personalidade concreta e com suas preocupações, se achava no lugar que lhe correspondia. Mas, chegados a esse ponto, não era possível adivinhar mais. Abria-se um grande buraco. O comissário só podia evocar os testemunhos.

“No terceiro dia, o capitão Fallut e o telegrafista se olhavam como inimigos. Os dois levavam um revólver no bolso. Pareciam sentir medo um do outro. E, entretanto, Le Clinche ainda não é amante de Adéle! A partir de então, o capitão pareceu ficar louco.”

Estão em pleno Atlântico. Já abandonaram a rota dos grandes navios de passageiros. Em todo caso, encontram outros pescueiros ingleses ou alemães que, como eles, dirigem-se a seus bancos de pesca.

Por acaso Adéle começa a impacientar-se e a queixar-se de sua vida reclusa? “...como um louco...” Todos coincidem nesta palavra! Além disso, é impossível que Adéle provoque tal alteração em um homem equilibrado, que durante toda sua vida professou um culto à ordem.

Ela, no entanto, não havia se enganado. Em duas ou três ocasiões, ele lhe permite passear pela coberta, de noite, tomando todo tipo de precauções. Então, porque age como um louco?

Seguiu relembrando os testemunhos:

“Ordena deixar as redes ali onde, desde tempos imemoriais, jamais se viu um bacalhau.”

E não é um insensato, um exaltado ou um homem colérico! É um pequeno burguês metuculoso que sonhou em unir sua vida com a caseira, Madame Bernard, e acabar seus dias na casinha cheia de bordados da Rue d'Etretat.

“Os acidente se sucederam sem descanso. Quando chegamos enfim a um banco e pescamos bacalhau, o salgamos de tal maneira que chegou estragado.”

Fallut não é um novato. Está a ponto de aposentar-se. Ninguém, até então, teve nada para censurar.

Segue comendo em seu camarote.

“Faz-me cara feia”, contará Adèle. “Passa os dias, para não dizer semanas, sem dirigir-me a palavra. Depois, de repente, entra arrebatado.” Um acesso de sensualidade! Ela está ali, em seu camarote, e ele compartilha sua cama. Consegue mantê-la à distância durante semanas, até que a tentação fica muito forte.

Agiria da mesma forma se só o inquietassem os ciúmes? O chefe das máquinas ronda o camarote, atraído por ela. Mas não se atreve a forçar a fechadura.

Finalmente, sobrevém o epílogo: o Océan regressa à França, com uma carga de bacalhau em mau estado.

O capitão não escreve essa espécie de testamento, no qual anuncia que não deve culpar-se a ninguém pela sua morte durante o caminho de volta? Por conseguinte, quer morrer. Quer suicidar-se. A bordo, ninguém, exceto o capitão, é capaz de acertar o rumo, e ele está suficientemente impregnado do espírito marinheiro, acima de tudo, seu barco ao porto. Matar-se porque transgrediu os regulamentos, levando uma mulher para bordo com ele? Matar-se porque o pescado, pouco salgado, será vendido alguns francos abaixo do preço? Matar-se porque a tripulação, assombrada ante seus modos extravagantes, o tomou por louco?

É isso que pensa o capitão mais frio, o mais minucioso de Fécamp? Aquele cujos diários de navegação são citados como exemplo? Aquele que, há tantos anos, vive na aprazível casinha de Madame Bernard?

O pescueiro atraca. Os tripulantes saltam para terra e se precipitam para o Rendez-Vous des Terres-Neuves, aonde, enfim, pode faltar-se de álcool. E todos chegam marcados com o selo do mistério. Todos calam com respeito a certas coisas. Todos estão preocupados.

Por que um capitão se comportou de maneira inexplicável? Fallut desce a terra sozinho. Terá que esperar que o cais esteja vazio para desembarcar Adèle. Avança alguns passos. Dois homens escondidos espreitam: o telegrafista e Gaston Buzier, o amante da jovem. Entretanto, um terceiro homem salta sobre o capitão. O estrangula e o joga na doca.

Estes fatos ocorreram no mesmo lugar em que agora o Océan se balançava sobre a água negra. O cadáver foi enganchar-se na corrente da hélice.

Maigret fumaça com expressão séria.

Já no primeiro interrogatório, Le Clinche mente; acusa um homem com sapatos amarelos de matar Fallut. O homem dos sapatos amarelos é Buzier. E quando Buzier e Le Clinche são obrigados a enfrentar-se, Le Clinche se retrata. Por que mentir, se não para salvar o terceiro homem, quer dizer, o assassino? Além disso, porque Le Clinche não revela seu nome? Em vez disso, se deixa prender em seu lugar. Apenas se defende, apesar de que em muitas possibilidades de ser declarado culpado. Mostra-se taciturno, como um homem atormentado por remorsos. Não se atreve a olhar nos olhos nem à namorada nem a Maigret.

Um pequeno detalhe: antes de regressar ao pescueiro, entre no Rendez-Vous des Terres-Neuves, sobe ao quarto e queima alguns papéis. Libertado da cadeia, não mostra alegria alguma, ainda que Marie Léonnec esteja junto dele, convidando-o ao otimismo. E encontra uma maneira de apoderar-se de uma arma. Tem medo. Permanece longo tempo com os olhos fechados e o dedo no gatilho

E dispara.

À medida que a noite avançava, o ar era cada vez mais fresco e a brisa trazia cheiro de algas e iodo.

O pescueiro tinha subido vários metros. A cobertura já estava na altura do cais e o marulho da maré provocava solavancos laterais que faziam chiar a passarela. Maigret havia se esquecido de seu cansaço.

A pior hora havia passado. Logo amanheceria. Fez um balanço:

Ao capitão Fallut, haviam desprendido morto das correntes da âncora.

Adèle e Gaston Buzier, logo incapazes de suportar-se mutuamente e sem ter outro porto seguro além de si mesmos, discutiam.

A Le Clinche, o haviam tirado da sala de cirurgia sobre uma maca com rodas coberto com um lençol branco.

Marie Léonnec...

E os marinheiros, apesar das bebedeiras no Rendez-Vous des Terres-Neuves, conservavam da travessia uma angustiada recordação.

— O terceiro dia! — exclamou Maigret — Tenho que procurar! Trata-se de algo mai terrível que os ciúmes, mas que se desprendia diretamente da presença de Adèle a bordo.

O esforço era terrível. Todas as suas faculdades estavam em tensão. O barco oscilava imperceptivelmente. No castelo da proa, onde logo despertariam os marinheiros, acendeu-se uma luz.

— O terceiro dia...

Fez-se um nó em sua garganta. Dirigiu o olhar ao tombadilho da popa e depois ao cais; lá, há algum tempo, um homem aparecia, levantando o punho.

Talvez fosse por causa do frio, mas o caso é que foi sacudido por um estremecimento. No terceiro dia, o grumete, Jean-Marie, o que esperneava e não queria zarpar, foi arrastado por uma onda. Era noite.

Maigret contemplava toda a cobertura como que buscando o lugar onde havia acontecido o acidente.

“Só havia duas testemunhas: o capitão Fallut e o telegrafista, Pierre Le Clinche. Um ou dois dias depois, Le Clinche tornou-se amante de Adèle.”

Produziu-se uma clara ruptura. Maigret não se demorou um segundo mais. Alguém se movia no castelo de proa. Sem que o vissem, cruzou a tábua que unia o barco a terra. E com as mãos nos bolsos, o nariz arroxeadado, lúgubre, regressou ao Hotel de la Plage.

Ainda não era de dia. Mas já não era noite porque, sobre o mar, as cristas das ondas se desenhavam num branco cru. E as gaiivotas formavam sobre o céu manchas claras.

Um trem silvava na estação. Uma velha, com seus cestos às costas e um gancho na mão, dirigiu-se às rochas em busca de caranguejos.

10 O que aconteceu no terceiro dia?

As oito da manhã, quando Maigret desceu do quarto, notavam-se a cabeça e o peito vazios, como se tivesse bebido em excesso.

— Que aconteceu? As coisas não vão como gostarias? — havia perguntado a esposa.

Ele havia encolhido os ombros e ela não insistira. No terraço do hotel, em frente ao um mar de verde berrante que cintilava, se encontrou com Marie Léonnec. A jovem não estava só, havia um homem sentado à sua mesa. Ela se levantou apressadamente e balbuciou ao comissário:

— Permita-me que lhe apresente meu pai, que acaba de chegar.

O vento era fresco e o céu estava nublado. As gaiotas voavam ao nível da água.

— Sinto-me muito honrado, senhor comissário. Muito honrado e muito feliz.

Maigret olhou-o com ar tétrico. O homem, pernas curtas, não seria excessivamente ridículo, se não fosse pelo nariz, que era desproporcionado, do tamanho de três outros narizes medianos, e para cúmulo, cheio de pontinhos negros morango.

Mas não tinha nenhuma culpa. Era uma autêntica enfermidade. De todas as maneiras, só se enxergava o nariz. Quando falava, se olhava para o nariz, e devido a isso, estava proibido qualquer sentimentalismo.

— Toma algo conosco, não?

— Obrigado, acabei de tomar o desjejum.

— Então um copinho para levantar o ânimo.

— Não, agradecido.

O outro insistiu. Não é uma demonstração de educação fazer alguém beber, mesmo que não queira?

Maigret o observava; e também observava sua filha que, salvo o nariz, se parecia com ele. Podia-se prever perfeitamente o que seria dentro de uns dez anos, quando tivesse desaparecido seu encanto juvenil.

— Vamos ao que importa, senhor comissário. Esse é o meu lema! Viajei a noite toda para isso. Quando Jorissen veio me dizer que acompanharia minha filha, dei minha autorização, de modo que não pode dizer que sou estreito de ideias.

Maigret tinha vontade de estar em outro lugar. Esse nariz! Essa ênfase de pequeno-burguês que se escuta enquanto fala!

— Entretanto, meu dever como pai me obriga a informar-me, não é assim? Por isso, peço que me diga se acredita, em sã consciência, que este jovem é inocente.

Marie Léonnec olhava para o outro lado. Devia sentir, ainda que confusamente, que a intervenção do pai não serviria para melhorar as coisas. Lançando-se, ela sozinha, em defesa do namorado, ganhava certo prestígio. Ao menos, era comovedora. Em família, tudo mudava. Agora, via-se demais a loja de Quimper, as discussões anteriores à partida, os rumores dos vizinhos.

— Você me pergunta se ele matou o capitão Fallut?

— Sim. Deve entender que é essencial que...

Maigret olhava diante de si, com expressão ausente.

— Pois bem. — Viu como as mãos já jovem tremiam — Ele não o matou. Desculpe, agora tenho que resolver algumas questões urgentes. Suponho que terei o prazer de vê-lo novamente.

Foi-se! Inclusive, derrubou uma cadeira do terraço. Ainda que soubesse que deixava pai e filha

consternados, não se voltou para comprová-lo.

Chegou até o molhe e caminhou pela calçada, longe do Océan. Mesmo assim, pôde ver que alguns homens subiam a bordo com suas trouxas ao ombro e se familiarizavam com o barco. De uma carreta, descarregavam sacos de batatas. O armador estava ali, com botas de verniz e um lápis na orelha.

Ouvia-se muito barulho no interior de Rendez-Vous des Terres-Neuves, cuja porta estava aberta. Maigret distinguiu vagamente P'tit Louis, que discursava no meio de um círculo de novatos. Não parou. Apertou o passo ao ver que o dono fazia um sinal. Cinco minutos depois, empurrava a porta do hospital.

O ajudante do médico era muito jovem. Debaixo da bata, aparecia um traje de última moda e uma gravata histórica.

— O telegrafista? Tomei-lhe a temperatura e o pulso esta manhã. Seu estado é bom, dentro do possível, claro.

— Está lúcido?

— Suponho que sim. Não me disse nada, mas seguiu-me o tempo todo com os olhos.

— Pode-se falar com ele de questões sérias?

O ajudante fez um gesto vago e indiferente.

— Por que não? Se a intervenção foi bem e não tem febre... Quer vê-lo?

Pierre Le Clinche estava sozinho em um pequeno quarto no qual reinava um calor úmido. Quando viu Maigret aproximar-se, suas pupilas claras não se turbaram.

— Como vê, não se pode estar melhor — prosseguiu o ajudante — Dentro de oito dias estará em pé. É possível que manque, porque seccionou um tendão do quadril. E deverá tomar algumas precauções. Prefere que o deixe a sós com ele?

Era bastante desconcertante. No dia anterior, haviam trazido um autêntico traste, ensanguentado, sujo; parecia inclusive que não lhe restava nem um sopro de vida. E Maigret o encontrou agora numa cama branca, com um rosto talvez um pouco cansado, um pouco pálido, mas mais tranquilo do que jamais o havia visto. Em suas pupilas, quase que se lia a serenidade.

Talvez por isso, ficou em dúvida. Depois de passear acima e abaixo por todo o quarto, encostou por um momento a fronte na dobra da janela, de onde se divisava o porto e o pesqueiro; no barco, moviam-se homens com jaquetões vermelhos.

— Tem forças para suportar uma conversa? — resmungou com brusquidão, voltando-se para a cama.

Le Clinche fez um gesto de assentimento.

— Sabe que não estou encarregado oficialmente desse caso? Quanto a você, meu amigo Jorissen me pediu que demonstrasse sua inocência. Bem, já está! Você não assassinou o capitão Fallut. — Exalou um suspiro profundo. Depois entrou no assunto. — Diga-me a verdade sobre o que aconteceu no terceiro dia, ou seja, sobre a morte de Jean-Marie. — procurava não olhar diretamente para o ferido. Para dissimular, encheu um cachimbo; como o silêncio se eternizava, murmurou: — Era noite, na cobertura só estavam você e o capitão Fallut. Estavam juntos?

— Não!

— O capitão passeava no tombadilho de popa?

— Sim. Eu acabava de sair do meu camarote. Observava-o sem que ele me visse, porque notava algo de anormal em sua conduta.

— Ainda não sabia que havia uma mulher a bordo?

— Não. Eu acreditava que fechava a porta com tanto cuidado porque guardava lá dentro artigos de contrabando. — Ainda tinha a voz cansada, subiu o tom para exclamar: — Aconteceu a coisa mais terrível que jamais havia visto, senhor comissário! Quem teria dito, diga-me?

Fechava os olhos, como havia feito pouco antes de disparar o revólver.

— Não. Ninguém teria dito. O capitão passeava, sem dúvida, muito nervoso. Estava assim desde que zarparam. Mas, havia alguém no timão?

— Sim. Um timoneiro, mas não podia vê-lo devido à escuridão.

— Apareceu um grumete e...

Le Clinche, levantando-se um pouco, com as mãos agarradas na corda pendurada no teto para facilitar-lhe os movimentos, o interrompeu:

— Onde está Marie?

— No hotel. Seu pai acaba de chegar

— Claro. Veio para levá-la. Sim, está certo. Tem que levá-la. Sobretudo, não deixe que ela venha ver-me.

Inflamava-se. Falava entrecortadamente, com voz cada vez mais rouca. Aparentemente, tinha febre. Os olhos brilhavam.

— Não sei com quem falou, mas agora sinto que tenho que contar-lhe tudo. — Sua agitação era tanta e tão violenta que o jovem parecia delirar — No terceiro dia aconteceu algo impressionante. Você não conhecia o menino; era muito magrinho, e ainda por cima, levava uma roupa aproveitada de um velho traje de pano do pai. Ainda que no primeiro dia tenha tido muito medo, e inclusive, tenha chorado, depois começou a vingar-se aprontando brincadeiras de mau gosto. Não parecia um menino de sua idade. Sabe o que quer dizer uma criança perversa? Era isso. Peguei-o duas vezes lendo as cartas que eu escrevia para minha namorada, e me dizia com descaso: É para a piranha?

— Naquela noite, creio que o capitão passeava de um lado para outro porque estava muito nervoso para dormir. O mar estava bastante agitado, ainda que não se tratasse de uma tempestade; de vez em quando, uma onda alcançava a grade e salpicava a coberta. Eu devia estar a uns dez metros, e só ouvi umas poucas palavras. Via as silhuetas: o menino, fanfarrão, rindo; e o capitão com o pescoço metido no jaquetão e as mãos nos bolsos. Jean-Marie, que me havia falado de “minha piranha” devia aprontar também com Fallut. Lembro que o ouvi dizer com voz aguda: “Se eu contar a todo mundo que...” Depois compreendi que havia descoberto que o capitão escondia uma mulher no camarote, e se sentia muito orgulhoso disso. Sem saber, se comportava com verdadeira maldade.

— Então, o capitão levantou a mão como para esbofeteá-lo. O menino, muito ágil, evitou o golpe e gritando, deve tê-lo ameaçado outra vez. Fallut machucou a mão num cabo e ficou muito zangado. Aconteceu o mesmo que na fábula do leão e do mosquito. Deixando de lado toda a dignidade, começou a perseguir o menino. Este, a princípio, escapulia, rindo, mas depois, ficou em pânico. Qualquer um podia ouvi-lo. Vi como Fallut, louco de angústia, tentava agarrar Jean-Marie pelos ombros, mas em lugar de pegá-lo, sem querer, o fez cair para frente. Isso é tudo. Às vezes, ocorrem essas fatalidades. Quando a cabeça bateu em um cabrestante, ouviu-se um barulho espantoso. O crânio...

Le Clinche, lívido, passou as mãos pelo rosto, que escorria suor.

— Nesse momento, uma onda varreu a coberta. O capitão, enquanto se agachava diante de uma forma empapada, me viu Talvez que desde esse momento eu deixara de esconder-me. Avancei alguns passos até eles. Cheguei a tempo de ver como o corpo do menino se encolhia; depois, com um movimento que jamais esquecerei, ficou rígido. Morto! Tolamente! Nós nos olhamos sem entender, incapazes de assumir a horrível realidade. Ninguém havia visto nem ouvido nada. Como Fallut não se atrevia a tocar no menino, eu lhe toquei no peito, mãos e cabeça. Não havia ferimentos, mas o crânio estava partido em dois.

— Acho que permanecemos um quarto de hora imóveis, sem saber o que fazer, sombrios, gelados de frio, enquanto as ondas nos salpicavam o rosto. O capitão não era o mesmo homem. Parecia que

também nele algo se havia rompido. E falou com voz incisiva, sem calor nenhum: “A tripulação, pelo bem da disciplina, não deve inteirar-se da verdade.” O capitão, na minha frente, levantou o menino. Só precisava fazer um movimento, e pronto. Inclusive, lembro que, antes, com o polegar, lhe fez o sinal da cruz na testa. O corpo, seguindo o vai e vem do mar, chocou-se duas vezes com o casco. Nós, de pé na escuridão, não nos atrevíamos a nos olhar. Nem falar.

Maigret, que acabava de acender um cachimbo, apertava fortemente a boquilha entre os dentes.

Entrou uma enfermeira. Os dois homens a olharam com olhos tão ausentes que ela se perturbou e balbuciou:

— Tenho que tomar-lhe a temperatura.

— Dentro de um momento, se não se importa. — E, uma vez fechada a porta, o comissário

murmurou:

— O capitão, então, contou-lhe da amante?

— Desde este momento, não voltou a ser ele mesmo. Na realidade, não ficou louco, mas havia nele certa falsidade. Começou por tocar-me o ombro, murmurando: “Tudo isso foi por causa de uma mulher, juvenzinho!”. Eu tinha frio. Estava febril. Não podia deixar de olhar o mar, onde o corpo havia sido sacudido pelas ondas.

— Descreveram-lhe o capitão. Era miúdo e muito fraco, com um rosto enérgico. E falava com frases curtas, amiúde inacabadas. Sim, cinquenta e cinco anos, a aposentadoria muito próxima, uma reputação sólida, algumas economias e, em um minuto, em menos de um minuto, estava acabado, destruído. Tudo por causa de um menino. Ou melhor, por causa de uma jovem. Essa noite, com voz surda e raivosa, me contou tudo, passo a passo. A mulher de Le Havre, que ele sabia muito bem, não devia valer grande coisa, mas de quem não mais podia prescindir. Havia decidido embarcá-la, e no momento de subir a bordo, pressentiu que sua presença atrairia muitos dramas. E ela estava ali, dormindo no camarote. — O telegrafista, agitado, prosseguiu. — Já não me lembro do que me contou, porque o certo é que sentia necessidade de falar dela, e o fazia com ódio e, também, com paixão. “Um capitão não tem o direito de provocar um escândalo que lhe tire a autoridade”. Ainda me parece ouvir essas palavras. Era a primeira vez que eu navegava, e comecei a considerar o mar como um monstro que nos engoliria a todos. Fallut me explicava outros casos: em certa ocasião, um capitão havia embarcado a namorada e houve tantas brigas a bordo que três homens não regressaram. Soprava o vento e recebíamos uma salpicada atrás da outra; às vezes, uma onda nos lambia os pés, que escorregavam sobre o metal engraxado da cobertura. Não estava louco, mas não era Fallut de antes. “Primeiro, temos que acabar a expedição. Depois, veremos...” Eu não entendia o que ele queria dizer. Às vezes, me parecia respeitável e caprichoso, demasiado aferrado ao sentimento de dever. “Não deve chegar a saber-se. Um capitão não pode cometer erros.”

— Eu tinha os nervos destroçados. Incapaz de pensar, as ideias se confundiam na minha mente e, afinal, me pareceu despertar de um autêntico pesadelo: essa mulher no camarote, essa mulher de quem um homem como o capitão Fallut não podia prescindir, essa mulher que, com só pronunciar seu nome, o fazia ofegar... Eu não parava de escrever cartas e cartas à minha namorada, mas não a veria até o fim dos três meses. E ignorava todos esses desejos. Quando ele dizia “sua carne”, ou “seu corpo”, eu corava sem saber por quê.

Maigret perguntou lentamente:

— Durante a travessia, alguém além de vocês dois, soube a verdade sobre a morte de Jean-Marie?

— Não, ninguém.

— E foi o capitão quem, de acordo com a tradição, rezou as orações fúnebres?

— Ao amanhecer, sim, debaixo de um céu nublado. Estávamos a ponto de entrar numa zona

cinzenta, glacial.

— Houve rumores entre a tripulação?

— Cruzavam olhares estranhos, cochichavam. Mas Fallut, mais autoritário do que nunca e com voz cortante, não admitia a menor réplica. Irritava-se com qualquer olhada que não gostara, e espionava os homens tentando adivinhar neles a menor suspeita.

— E você?

Le Clinche não respondeu. Esticou o braço para alcançar o copo d'água que estava na mesinha e bebeu com avidez.

— Não parou de vigiar o camarote, não é? Queria ver a mulher que havia perturbado a tal ponto o capitão. Aconteceu na noite seguinte, não é verdade?

— Sim, vimo-nos um instante. Depois, na noite seguinte, dei-me conta que a chave da cabine do telegrafista era a mesma do camarote do capitão. Enquanto o capitão estava de guarda, entrei como um ladrão.

— Tornou-se seu amante?

As feições do telegrafista se endureceram.

— Você não pode entender. A atmosfera do camarote não se parecia em nada com a dura realidade de cada dia: o menino, a cerimônia da véspera... Sempre que pensava nela, me vinha a mente a mesma imagem: uma mulher diferente das demais; uma mulher cujo corpo, cuja carne, podiam mudar um homem até o ponto de...

— Ela te incentivou?

— Estava deitada, semivestida...

Corou violentamente e virou a cabeça.

— Quanto tempo permaneceu no camarote?

— Um duas horas, já não sei. Quando saí dali, os ouvidos zumbiam. O capitão estava diante da porta. Sem dizer-me nada, viu como me afastava; eu estive a ponto de arrojá-lo a seus pés, de gritar-lhe que não era culpa minha, de pedir-lhe perdão. Mas tinha a expressão gelada. Fui para meu posto. Tive medo e, desde este momento, levei sempre o revólver carregado no bolso; estava convencido de que queria matar-me. Jamais voltou a dirigir-me a palavra, salvo para assuntos de serviço. Às vezes, nem isso, porque costumava me enviar ordens escritas. Gostaria de explicar-lhe melhor, mas é impossível. Cada dia sentia-se pior. Tinha a impressão de que todos estavam sabendo da tragédia. O chefe das máquinas também rondava o camarote. O capitão permanecia encerrado nele durante horas. Os marinheiros nos olhavam com olhos interrogativos e preocupados. Adivinhavam que algo acontecera. Ouvi falar cem vezes da maldição. Eu só desejava uma coisa.

— Naturalmente — murmurou Maigret.

Fez-se silêncio. Le Clinche olhava para o comissário com olhos cheios de censura.

— Houve um período de mau tempo que durou dez dias seguidos. Eu, ainda que doente, só pensava nela; via, sentia seu perfume... Não posso contar-lhe! E me doía sim. O desejo me fazia mal, me fazia chorar de raiva, ainda mais quando via o capitão entrar no camarote! Comecei a imaginar e fantasiar coisas. Por exemplo, como ela me havia chamado seu “menino grande”, com uma voz especial, um pouco rouca, eu repetia essas duas palavras para me torturar. Eu não escrevia a Marie. Sonhava coisas impossíveis: fugir com essa mulher quando chegássemos à Fécamp.

— E o capitão?

— Estava cada vez mais frio, mais cortante, Talvez, não sei, houvesse algo de loucura no seu caso. Quando ordenou jogar as redes em determinado local, todos os marinheiros afirmaram que jamais se vira um só peixe naquelas paragens. Mas não admitia réplica. E tinha medo de mim. Talvez soubesse

que eu andava armado, mas, de todo modo, também se armou. Cada vez que nos encontrávamos, levava a mão ao bolso. Mil vezes tentei voltar a ver Adéle, mas ele, com olheiras no rosto, descomposto, não se movia dali. E, por todos os lugares, o cheiro do bacalhau, homens salgando-o nos porões, acidentes, um atrás do outro. O chefe das máquinas também rondava. Chegou um momento em que ninguém falava com confiança. Os três pareciam estar loucos.

— Havia noites em que creio que mataria alguém para poder estar com ela, você consegue entender isso? Noites em que destroçava um lenço com os dentes e repetia, imitando sua voz: “Meu menino grande!” Bobalhão!

— A travessia se eternizava. Os dias sucediam às noites, e durante dias mais dias vivemos rodeados de água cinzenta, névoa fria e escamas e entranhas de bacalhau. Um sabor asqueroso a salmoura na garganta... Só uma vez! Creio que, se tivesse conseguido estar com ela uma vez mais, teria me curado! Mas era impossível! Ele não saía dali, sempre em guarda, como os olhos cada vez mais fundos! E sempre o mesmo balanço, um mundo sem horizontes. No final, divisamos os despenhadeiros. Imagina essa tortura por três meses? Pois bem, quando chegamos, não me senti curado, senão mais doente. Até então, não me dera conta de que era uma doença. Odiava o capitão porque encontrava continuamente com ele, e me horrorizava aquele homem velho que mantinha encerrada uma mulher como Adéle. Por outro lado, me assustava retornar ao porto, porque temia perdê-la para sempre. No fim, o capitão se converteu, para mim, em um demônio. Sim! Uma espécie de gênio maléfico que se reservava essa mulher só para ele.

— Na chegada, erraram as manobras. Depois os homens saltaram para terra, aliviados, e correram para as tabernas. Eu sabia que o capitão só esperava a solidão da noite para fazer Adéle sair. Subi ao meu quarto, na pensão de Leon. Encontrei antigas cartas, retratos de minha namorada e, não sei por que, enfurecido, queimei tudo. Saí para dirigir-me ao barco. Eu a queria! E ela me havia dito que, na volta, se casaria com Fallut. Então, me encontrei com um homem — Deixou-se cair pesadamente sobre a almofada; seu rosto crispado, expressou uma dor atroz. — Você já sabe — concluiu num murmúrio.

— Sim, o pai de Jean-Marie. O pescueiro estava no cais, e a bordo, sozinhos, estavam o capitão e Adéle. Ele se dispunha a sair quando...

— Cale-se!

— ... quando você abordou o homem e lhe disse que estava olhando para o barco onde havia sido assassinado o seu filho. Certo? Ele seguiu, e você se escondeu atrás de um vagão quando ele se aproximou do capitão.

— Cale-se!

— O assassinato se produziu na sua frente.

— Eu lhe suplico...

— Não! Você o presenciou! E depois, subiu a bordo para fazer sair a mulher.

— Eu já não a queria!

Ouviu-se no exterior o alarido de uma sirene. Os lábios de Le Clinche tremeram enquanto tartamudeava:

— O Océan...

— Sim. Zarpa com a maré alta.

Calaram-se. Ouviam-se todos os ruídos do hospital, inclusive o suavíssimo deslocamento de uma maca de hospital que empurravam para a sala de cirurgia.

— Eu já não a queria! — repetiu convulsivamente o telegrafista.

— Sim, mas era demasiado tarde.

Silêncio, de novo. E depois, a voz de Le Clinche:

— E, entretanto... agora... eu gostaria tanto...

Não se atreveu a pronunciar a palavra que tinha a flor dos lábios.

-... Viver?

— Não entende? Eu estava louco... Nem eu entendo a mim mesmo. Estava em outra parte, em outro mundo. Não me dei conta até que regressamos. Imagine: para mim no barco só existia aquele camarote negro; e dávamos voltas a seu redor. Me parecia que ali estava toda a minha vida. E queria ouvir outra vez aquilo de “meu menino grande”. Nem sequer poderia dizer como aconteceu: abri a porta e ela saiu.

— Um homem com sapatos amarelos a esperava, e se abraçaram no cais. Nesse momento, despertei, essa é a palavra exata. A partir de então, senti que já não queria morrer. Chegou Marie Léonnec, com você. Logo, reapareceu Adèle, em companhia desse homem. Mas, que quer que lhe diga? Agora é demasiado tarde, não é verdade?... Quando me soltaram, subi a bordo para buscar um revólver. Marie me esperou no cais, sem saber o que fazia no barco. E, de tarde, aquela mulher se aproximou, e não parava de falar. E ele, o homem dos sapatos amarelos...

— Quem pode entender tudo isso? Disparei. Demorei minutos para decidir-me porque Marie Léonnec estava ali! Agora... — soluçou. E gritou: — De todos os modos, terei que morrer! E não quero morrer! Me dá medo. Eu... Eu...

Sofria tais convulsões que Maigret chamou uma enfermeira, e esta, sem nervos, o tranquilizou com gestos que mostravam uma prolongada prática profissional.

O pesqueiro lançou pela segunda vez sua chamada aguda, e as mulheres, em grupos, correram para o espigão.

11 O Océan zarpa

Maigret chegou ao cais no momento em que o novo capitão ordenava soltar as amarras. Descobriu o chefe das máquinas, que se despedia da mulher; aproximou-se e falaram a sós.

— Diga-me, foi você que encontrou o testamento do capitão e o deixou na caixa de correio da delegacia, verdade? — perguntou Maigret.

O outro, alterado, ficou em dúvida por um instante.

— Não tema nada. Você suspeitava que Le Clinche havia matado o capitão e acreditou que assim o salvaria. Ainda que os dois tenham desejado a mesma mulher.

A sirene, colérica, chamava os retardatários; no cais, desfaziam-se os abraços.

— Não volte a falar-me disso, certo? E Le Clinche, morrerá?

— Está no hospital, talvez o salvem. Onde encontrou o testamento?

— Entre os papéis do capitão.

— Uma foto — confessou, baixando a cabeça. — Permite-me? Tenho que...

As amarras caíram na água. Iam levantar a passarela. O chefe das máquinas subiu a bordo; dirigiu um último gesto à mulher e um olhar a Maigret.

O pesqueiro se dirigiu lentamente para a saída do porto. Um marinheiro levava nos ombros o grumete, que tinha apenas 15 anos. O rapaz lhe havia arrebatado o cachimbo e a tinha com orgulho entre os dentes.

Em terra, as mulheres choravam.

Caminhando com rapidez, se podia seguir o barco, que só tomava velocidade depois de superados os espigões. As pessoas davam recados e recomendações, aos gritos.

— Se os encontrares em Atlantic, não te esqueças de dizer a Dudodet que sua mulher...

O céu seguia escuro. O vento soprava na contramão e levantava grandes ondas que faziam um barulho enorme.

Um parisiense de calça de algodão fotografava a partida; Moças vestidas de branco o seguiam e riam.

Maigret esteve a ponto de derrubar uma mulher que se pendurou em seu braço e perguntou:

— O menino está melhor?

Era Adèle. Não se havia empoado, pelo menos desde a manhã e a pele brilhava.

— E Buzier? — perguntou o comissário.

— Preferiu correr para Le Havre. Está assustado com as complicações. Ademais, lhe disse que tinha decidido abandoná-lo. Mas e o rapaz, Pierre Le Clinche?

— Não sei.

— Diga-me.

Não. Abandonou-a sua sorte. No espigão, havia visto o grupinho formado por Marie Léonnec, seu pai e Madame Maigret. Voltaram-se para o pesqueiro, que passava neste momento na frente deles, e Marie Léonnec dizia com devoção:

— É o barco dele...

Maigret resmungando, avançou lentamente. Sua mulher foi a primeira a descobri-lo no meio da multidão que acabava de assistir a partida do pesqueiro para Terranova.

— Salvou-se?

O senhor Léonnec, ansioso, virou para ele seu nariz disforme.

— Oh! Alegro-me de vê-lo, senhor comissário. Em que ponto se encontra agora a investigação?

— Em nenhum.

— Que quer dizer?

— Nada. Eu não sei...

A Marie, pareciam sair os olhos das órbitas.

— E Pierre?

— A operação correu bem, parece que sairá desse transe.

— É inocente, não é? Eu lhe suplico, diga a meu pai que é inocente.

Colocava nele toda sua alma. E Maigret a olhava, tratando de imaginar como seria dentro de dez anos: sem dúvida teria as mesmas feições que seu pai e um ar algo mais severo, muito adequado para o trato com os clientes da loja.

— Ele não matou o capitão — disse. — E dirigindo-se para a esposa, completou: — Acabo de receber um telegrama comunicando-me que me chamam em Paris.

— Tão logo? Amanhã havia pensado em tomar um banho com...

Madame Maigret entendeu o olhar que lhe lançou o marido.

— Desculpem-nos.

— Sim, sim, mas os acompanharemos até o hotel.

Maigret descobriu o pai de Jean-Marie, muito bêbado e ainda levantando o punho para o pesqueiro e virou a cabeça.

— Não se incomodem, por favor.

— Diga-me! — exclamou o senhor Léonnec. — Acredita que podemos levá-lo para Quimper? Já sei que muita gente murmurará, mas...

Marie olhava para o comissário com olhos suplicantes. Palidíssima, balbuciou:

— Como é inocente...

E Maigret mostrava sua cara mais resmungona e um olhar vago.

— Não sei. Você tem mais critério que...

— Permita-me de todos os modos que lhe ofereça algo. Uma garrafa de champanhe?

— Não, obrigado.

— Um copinho? Talvez um Bénédictine, já que estamos na zona.

— Uma cerveja.

Madame Maigret, em cima, fazia as malas.

— Então, você compartilha minha opinião, não é? É um bom rapaz que...

Os olhos da jovem, insistentes, não se afastavam dele, suplicando que assentisse.

— Creio que será um bom marido.

— E um bom comerciante — enfatizou o pai. — Porque eu não o deixarei navegar durante meses.

Quando alguém se casa, deve...

— Evidentemente!

— Especialmente em minha situação, porque não tenho filhos homens. Tenho certeza que me entende.

— Sim.

Maigret não perdia de vista a escada. Enfim, apareceu a mulher.

— As malas estão preparadas. Ao que parece, não sai nenhum trem até...

— Igual! Tomaremos um táxi.

-???

— Se alguma vez passar por Quimper...

— Sim. Sim.

Aquele olhar da jovem. Parecia que Marie tinha entendido que nem tudo estava tão claro quanto parecia, mas rogava a Maigret que se calasse. Queria seu namorado.

O comissário apertou-lhe as mãos, pagou a fatura do hotel e apressou a cerveja.

— De novo, muito obrigada, senhor Maigret.

— Não há de quê.

Chegou o táxi, pedido por telefone.

“... e a menos que você tenha descoberto elementos que a mim escaparam, concluo aconselhando que se encerre o caso...”

Era um fragmento de uma carta do comissário Grenier, da Brigada Móvel de Le Havre, a que Maigret respondeu telegraficamente:

“DE ACORDO”

Ao fim de seis meses, recebeu uma participação que dizia:

“Madame Le Clinche, viúva, tem a honra de anunciar-lhe o casamento de seu filho Pierre com a senhorita Marie Léonnec...”

Algum tempo depois, quando uma investigação o levou a um prostíbulo da Rue Pasquier, acreditou reconhecer uma jovem que virou a cabeça.

Adéle!

Isso foi tudo! Ou melhor dizendo, quase tudo, porque cinco anos depois, Maigret passou por Quimper. Na porta de uma loja de artigos marítimos, viu seu dono, um homem ainda jovem, muito alto, que começava a engordar. Coxeava ligeiramente. Chamava um menino de três anos que jogava pião na calçada.

— Entra em casa, Pierrot. Senão, tua mãe vai brigar contigo.

E o homem, demasiado preocupado com a paternidade, não reconheceu Maigret; este, por sua parte, apertou o passo, virou a cabeça e esboçou uma espécie de careta.

